

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

LARISSA DE OLIVEIRA

**ESPECIAL JORNALISMO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE PROGRAMA  
RADIOFÔNICO SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO**

CURITIBA  
2019

LARISSA DE OLIVEIRA

**ESPECIAL JORNALISMO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE PROGRAMA  
RADIOFÔNICO SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo ao Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. ME Otacilio Vaz.

CURITIBA

2019

Gostaria de agradecer a minha família, amigos e mestres (que me acompanharam ao longo destes cinco anos) por me auxiliarem no cumprimento desta etapa fundamental de minha vida. Em especial, quero remercear aos entrevistados que se dispuseram a participar do “Especial Jornalismo Literário”, vocês tiveram grande importância no desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço também ao meu orientador Otacilio Vaz que me ajudou ao longo desta jornada, e aos professores André Corradini e Alexsandro Teixeira que compuseram minha banca. Meu desejo é evoluir, retribuir o que me foi ensinado e contribuir com a sociedade fazendo um trabalho ético, belo, honesto e digno, assim como tantos jornalistas que eu admiro e respeito. Obrigada.

*Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

Álvaro de Campos



Centro Universitário Internacional Uninter  
Curso de Comunicação Social  
Ata de Banca de Trabalho de Conclusão de  
Curso

Aluno/a: LARISSA DE OLIVEIRA

Trabalho: ESPECIAL JORNALISMO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE  
PROGRAMA RADIFÔNICO SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO

Orientador/a: OTACILIO VIZ

Examinador/a 1: ANDRÉ CORRADINI

Examinador/a 2: ALEXSANDRO RIBEIRO

Data: 10/12/19. Ass. Aluno/a: Larissa de Oliveira

Nota: 85 Resultado:  Aprovado -  Reprovado

Observações: ATENÇÃO AS SOLICITAÇÕES DA BANCA

ATENÇÃO:

- 1) Preencher em letra legível o nome completo do/a aluno/a
- 2) Preencher em letra legível o nome completo do trabalho, tal qual está na capa.
- 3) O/A aluno/a e todos os professores devem assinar ao lado do nome.
- 4) Advertir o aluno de que a nota só será lançada após a entrega da versão final do trabalho (com as alterações solicitadas pela banca, conforme as observações acima).

## RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de buscar referências acerca do Jornalismo Literário a fim de dar suporte a um programa de radiojornalismo que apresente o tema aos leitores. Para tanto, tem como ponto de partida uma revisão bibliográfica sobre os primórdios do jornalismo, até chegar ao modelo de radiojornalismo existente hoje. A partir desse levantamento, nos aproximamos dos conceitos de jornalismo literário e de perfil como gênero integrante deste tipo de jornalismo, estilos que dialogam com o trabalho de José Carlos Fernandes. Por fim, adotamos como método a análise de conteúdo para verificar, em três textos produzidos por Fernandes para a Gazeta do Povo, de Curitiba, sua afinidade com o gênero de perfil e como os elementos literários presentes em sua visão a respeito das pessoas e de acontecimentos do cotidiano contribuem para oferecer ao leitor uma percepção mais ampla e sensível acerca da realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; perfil; radiojornalismo; subjetividade; gêneros jornalísticos.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	10
2.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	10
<b>3 PRIMÓRDIOS DO JORNALISMO</b> .....	12
3.1 JORNALISMO LITERÁRIO .....	16
3.1.1 Os perfis jornalísticos .....	18
3.1.2 Os subgêneros do Jornalismo Literário .....	23
<b>4 ANÁLISE</b> .....	27
4.1 A GAZETA DO POVO .....	27
4.2 O JORNALISMO LITERÁRIO DE JOSÉ CARLOS FERNANDES .....	27
4.2.1 “Ouça um bom conselho” – Uma narrativa linear e aprofundada .....	29
4.2.2 “Eram só crianças” – O jornalista diante da dor dos outros.....	31
4.2.3 A leitura tem dessas coisas – jornalismo analítico multirreferencial.....	33
<b>5 RADIOJORNALISMO</b> .....	35
<b>6 ESPECIAL JORNALISMO LITERÁRIO</b> .....	37
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40
<b>APÊNDICES</b> .....	42
<b>ANEXOS</b> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo passa por rápidas e intensas transformações. Mais recentemente, três jornais impressos tradicionais catarinenses, que formam o maior conglomerado de comunicação de Santa Catarina, dispensaram 26 jornalistas em Florianópolis, Joinville e Blumenau. Diário Catarinense, A Notícia e Jornal de Santa Catarina deixaram de circular impressos a partir de 26 de outubro. O grupo NSC anunciou que os maiores títulos seguem com edições on-line, no portal NSCTotal, e só serão impressos aos sábados, na superedição. O diário Hora de Santa Catarina, o jornal mais popular do grupo, chegar aos leitores somente em plataforma digital on-line.

Informações como essa dão conta de que em tempos tão distintos do romantismo das rotativas e das madrugadas viradas nas redações, o jornalismo do século XXI demanda renovação e estratégias de fidelização de um público leitor volátil, sujeito à fragmentação das informações que chegam ao mesmo tempo por diferentes tipos de dispositivos conectados à internet e, muitas vezes, de precisão duvidosa.

Nesse contexto, entendemos que também faz parte do papel do futuro profissional de comunicação estar sensível às demandas da sociedade e, ao mesmo tempo, equipá-la com informações que possam não apenas habilitá-la para o cotidiano, como tem sido o papel de mediador que lhe compete, mas também aproximar o público de reflexões sobre o fazer jornalismo a fim de que, conhecendo melhor o ofício, possa ajudar a valorar aquilo que é oferecido por essa categoria profissional, e assim saber distinguir a informação responsável da notícia falsa ou sensacionalista - duas banais formas de comunicação que ameaçam a credibilidade - e mesmo o futuro - do jornalismo.

Dessa forma, o presente Trabalho de Conclusão de Curso se dá por duas vias paralelas: a primeira é a pesquisa tradicional, que explicaremos a seguir; a segunda, é o foco em um programa de rádio que possa levar ao conhecimento dos ouvintes o que é o jornalismo literário e a importância do trabalho de diversos jornalistas, incluindo uma entrevista com José Carlos Fernandes.

O objetivo geral deste trabalho, portanto, é avaliar a presença do jornalismo literário na obra de José Carlos Fernandes, em especial os textos produzidos para o site da Gazeta do Povo, do Paraná. Como objetivos específicos, situamos a revisão conceitual acerca da história do jornalismo; a verificação das características do jornalismo literário e do texto de perfil e miniperfil; a difusão de programa de rádio que habilite os leitores a entender o que é jornalismo



literário e a desfrutar desse gênero a partir da audiência e alguns textos que se destacam entre a produção de Fernandes.

Ao realizarmos pesquisas para a realização deste trabalho, notamos que há uma lacuna no mercado, não há produtos radiofônicos voltados ao jornalismo literário, porém, o mesmo não se pode dizer das revistas e jornais on-line, já que este tipo de texto oferece ao leitor uma visão mais ampla da realidade que o cerca, por meio de recursos narrativos emocionais e subjetivos, mas que não ferem a veracidade, compromisso do jornalista com seus leitores.

Para o levantamento conceitual, o percurso de pesquisa contempla a revisão bibliográfica acerca da história dos impressos, até chegarmos aos perfis jornalísticos e os miniperfis, no capítulo três. O segundo capítulo contempla a Metodologia, discorrendo sobre a análise de conteúdo, ferramenta de análise utilizada para ajudar a situar o texto de Fernandes na categoria de miniperfil, conforme abordamos.

Por fim, o quarto capítulo se detém na análise propriamente dita, com vistas a ampliar o conhecimento acerca da arte exercida por Fernandes e os gêneros pelos quais transita. Dedicamos o sexto capítulo para descrevermos o produto ao qual nos propusemos realizar, e sétimo capítulo às considerações finais.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Por se tratar de uma pesquisa na área de Comunicação, evidencia-se a Pesquisa Qualitativa como método, pois nosso foco não será a quantificação, mas o conhecimento da qualidade da informação, como referido anteriormente.

Para Godoy (1994), a pesquisa qualitativa se destaca entre as possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais, em diversos ambientes. Na perspectiva qualitativa, um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Recomenda-se analisar vários tipos de dados para entender a dinâmica do fenômeno.

Seguiremos como método a Análise de Conteúdo, avaliando, inicialmente, o que se destaca no corpus, para então adotarmos uma leitura e profundidade, aproximando-nos do tema e tecendo possíveis inferências. Segundo Lakatos e Marconi (2005, p. 27-28):

Analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise, de um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos; portanto, é decompor um todo em suas partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo, encontrando o elemento-chave do autor, determinar as relações que prevalecem nas partes constitutivas, compreendendo a maneira pela qual estão organizadas, e estruturar as ideias de maneira hierárquica.

Dessa forma, é a análise que vai permitir observar as partes e perceber suas possíveis relações até chegar à crítica. Para realizar a Análise de Conteúdo, utilizaremos a aplicação dos procedimentos de Bardin (2006): pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação.

Nesta pesquisa, a pré-análise se refere à seleção do corpus, propriamente dita, quando, fizemos a leitura de dezenas de textos de José Carlos Fernandes, disponíveis no site da Gazeta. Desse conjunto de obras, selecionamos três textos representativos de fatos da atualidade apresentados pelo olhar analítico deste profissional.

Para Bardin (2006), na exploração se definem categorias. No caso dos miniperfis, poderemos perceber a recorrência de temas, por exemplo, criando assim uma categoria que não deixa de ser a sistematização do processo, uma organização que permite melhor aproximação ao foco.

Já a fase das inferências é destinada a refletir sobre o material pesquisado em profundidade, para chegar a um tratamento de resultados. Ocorre nessa fase a condensação e o

destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

### 3 PRIMÓRDIOS DO JORNALISMO

A imprensa surge na Alemanha, em 1436, a partir da invenção da prensa, por Gutenberg. A Bíblia, impressa por ele, resultou no primeiro exemplar de livro da forma como se concebe hoje, segundo Boas (2007), com folhas de papel unidas e coladas em uma lombada.

O surgimento da imprensa é um marco na evolução dos meios de comunicação mundial, por possibilitar a circulação da palavra escrita, a documentação mais eficiente, diferentemente do que acontecia com os manuscritos, muitas vezes em papiros, que eram suportes muito mais frágeis que o papel, material que acompanhou essa evolução.

Se o jornalismo enquanto indústria é recente, a capacidade humana de relatar é longa. O poeta Homero é considerado o primeiro repórter do mundo, por ser autor da *Ilíada*, narrativa da Guerra de Tróia publicada no século VIII a.C. Na Babilônia, os historiógrafos eram “encarregados de escrever diariamente os acontecimentos públicos” (MENEZES, 1997, p.12).

Em Roma, as *Acta Diurna*, publicadas por volta de 50 a.C, faziam “a cobertura dos acontecimentos então correntes entre os romanos” (MENEZES, 1997, p.12). Tais exemplos demonstram que o anseio social por informação é anterior ao surgimento dos primeiros jornais, que ocorre no século XVII.

A tardia aparição dos órgãos de imprensa é atribuída à necessidade de licença para a circulação dos impressos, que precisava ser emitida pelos governos, apegados à censura como forma de controle social. Menezes (1997) aponta que esse seria o caso do Brasil, onde a imprensa só nasce séculos depois, com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808.

Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil é que se estabelece a Imprensa Régia. O príncipe-regente abre espaço para “a produção de livros, papéis diplomáticos, confecção de leis” (BAHIA; 1990, p.9-10). O Brasil desse tempo sofria com restrições por parte da Corte, na tentativa de restringir as posturas libertárias que, porventura, ecoassem de movimentos sociais da Europa.

A resistência também se fazia notar. A partir de 1550, e pelos 200 anos próximos, um jornalismo clandestino se expressava através de cartas, sátiras, panfletos, por forma oral ou escrita, “ora contra uma justiça bastarda e vendida, ora contra uma igreja conivente, ora contra o colonialismo tirânico” (BAHIA; 1990, p.32). Os principais expoentes vinham da Bahia, como o padre Antônio Vieira e Gregório de Matos, nos anos seiscentistas.

O cenário começa a mudar com a primeira edição do *Correio Brasiliense*, que é publicada em Londres por iniciativa de Hipólito José da Costa, exilado na Inglaterra. O jornal defendia ideais de abolição da escravatura, a instalação de universidades no Brasil, e,

logicamente, a independência de Portugal. Mesmo com a perseguição dos portugueses, o *Correio Brasiliense* seguiu sendo publicado até 1822, momento em que o Brasil conquista a Independência.

Atuando do outro lado no contexto político, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, órgão oficial, limitava-se aos ditames do poder. Até 1820, os únicos jornais livres para impressão no país eram defensores do governo: a *Gazeta* e a *Idade d'ouro do Brasil*.

Foi com o retorno de D. João a Portugal que o príncipe regente D. Pedro I ordenou o fim da censura prévia no Brasil. No mesmo ano, surgem novos jornais como o *Diário do Rio de Janeiro* e é publicada a última edição da *Gazeta*, em dezembro de 1821, dando lugar a um periódico que deixa mais clara a sua posição no nome: *Diário do Governo*.

A segunda fase do jornalismo brasileiro é marcada pela consolidação de periódicos e a presença da literatura nos jornais. Para Santos (2009), não existindo ainda o jornalismo como profissão, recrutavam-se talentos literários vindos das mais diversas formações, com destaque na escrita para a redação noticiosa ou mesmo a contribuição com textos poéticos ou no estilo folhetim.

A expansão dos impressos no país só atingiria a maturidade por volta de 1850. Santos (2009) atribui o atraso à defasagem industrial e econômica, o analfabetismo entre a maior parte da população e a dificuldade de distribuição dos jornais pelo país, uma vez que as estradas eram precárias, assim como os meios de transporte e os Correios eram muito precários, principalmente no interior.

Os grandes periódicos brasileiros foram fixados nos maiores centros urbanos: a *Gazeta de Notícias* (1874) no Rio de Janeiro e *O Estado de São Paulo* (1875) na capital paulista, onde havia maior concentração de leitores e menos desafios de distribuição. Iniciativas menores constam na história, como *A Aurora Fluminense* (1827–1839), com linguagem irônica e elegante e a pretensão de independência.

Nesse período, quando a organização dos jornais ainda não seguia os padrões que vemos hoje, prevalecia a linha francesa de comunicação, ou seja, a opinião não se separava da notícia. “Por esse tempo, o jornal ainda trazia em suas páginas inumeráveis artigos (os chamados artigos de fundo), cujas características eram a opinião, os narizes de cera, a extensão” (SANTOS; 2009, p.79). Havia pouca publicidade, as imagens eram raras, e a literatura estava em toda parte.

O período de industrialização e desenvolvimento mais acelerado, na virada para o século XX, vai repercutir na profissionalização dos impressos. Segundo Costa (2005), a proliferação dos jornais abriu centenas de empregos e contribuiu para a formação de um público leitor.

Nesse contexto de desenvolvimento da imprensa nacional, as crônicas desempenharam

um papel importante, por serem um estilo conveniente para o meio em que circulavam. A velocidade na produção de jornais combinava com a linguagem fácil desse gênero. Escritores brasileiros se tornaram notáveis no gênero, como Machado de Assis, José de Alencar e Olavo Bilac. Machado só iria publicar *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, seu romance mais conhecido, seis meses após abandonar o trabalho na imprensa, conforme Costa (2005).

Considerado um gênero híbrido entre jornalismo e literatura, o folhetim não seguia apenas um modelo. Apresentavam ensaios, críticas, crônicas, peças de teatro, piadas, histórias de crimes e suicídio e podia ser publicado em séries, quando o assunto extrapolava o espaço disponível.

Como folhetins surgiram alguns dos mais importantes romances brasileiros, como *Memória de um sargento de milícias (1852-1853)*, de Manuel Antônio de Almeida, *O Guarani (1857)*, de José de Alencar, e *Quincas Borba (1886)*, de Machado de Assis.

Na terceira fase do periodismo brasileiro, como assevera Santos (2009), mais notadamente o século XX, o jornalista passa a se distanciar do literato para constituir categoria própria, num movimento que irá eclodir na modernização dos jornais no Brasil.

Nas primeiras duas décadas do século XX, o número de impressos periódicos chega a 800, segundo Barbosa (2010). A elite passa a investir em jornais como forma de manutenção de seu poder. A improvisação do jornalismo brasileiro é substituída por “uma organização familiar, sólida, solidária, permanente, convergente em seus interesses de classe” (BAHIA; 1990, p. 81), modelo que perdura até hoje, quando o poder sobre os grandes veículos de imprensa se concentra nas mãos de algumas poucas famílias.

No Brasil, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e Oswald de Andrade estiveram à frente de mudanças na linguagem jornalística. Pretendendo minimizar os vícios do estilo, principalmente os ligados à opinião ou ao rebuscamento, “transformaram sua busca por um texto moderno, expurgado de barroquismos e seco de adjetivos, numa cruzada contra ornamentos e penduricalhos na imprensa” (COSTA; 2005, p. 12).

É quando a técnica incorpora o *lead*, sinônimo em inglês para guia, ou seja, uma abertura padronizada para a reportagem, condensando as informações principais com objetividade, buscando o distanciamento e a “imparcialidade”. Gêneros como a reportagem, a entrevista e a crônica se fortalecem. “A consolidação da imprensa levou muitos escritores nacionais a terem que articular um estilo “de passagem”, próprio da atividade jornalística” (SANTOS; 2009, p. 83) e a crônica foi o refúgio de muitos deles, por ser uma espécie de gênero intermediário entre a literatura e o jornalismo.

Torna-se consenso a ideia de que a imprensa deve priorizar o interesse público, prezando

pela neutralidade, a independência e a fidelidade aos fatos. Segundo Barbosa (2010), os jornalistas idealizam-se como intérpretes isentos e objetivos do mundo, o que se sabe que é controverso, uma vez que mesmo com o apuro técnico, toda a informação parte de um determinado ponto de vista.

Ao tentar desconsiderar seu lugar de fala, muitas vezes o jornalismo exerce uma visão parcial dissimulada, contribuindo com a manutenção do status vigente. Nesse sentido, as abordagens humanizadas e literárias, como analisaremos, podem vir a ser uma saída para um modelo que, até o momento, negou uma de suas características mais importantes para a tal “verdade”, o reconhecimento da voz do emissor de notícias.

Costa (2005) assinala para a consolidação de um mercado editorial fora do eixo Rio-São Paulo entre as décadas de 1920 e 1930. O Rio Grande do Sul, estado com maior índice de alfabetização nacional na época, desponta com jornais como *O Correio do Povo*, *A Federação* e o *Diário de Notícias*.

De acordo com Barbosa (2010), a partir da metade do século XX, o surgimento da televisão impactou na sobrevivência dos pequenos impressos. Muitos deles sucumbiram, aumentando a concentração do poder de comunicação nas mãos de conglomerados. “Esse fato diminui a função democrática da imprensa, apesar de acentuar sua difusão” (BAHIA, 1990, p. 232).

Um nome que se destaca nesse cenário é o de Assis Chateaubriand, que foi responsável pela criação da revista semanal *O Cruzeiro*, em 1928, um marco em publicidade e conteúdo. Segundo Bahia (1990), a revista aposta na criatividade dos seus colaboradores, valoriza a fotografia, renova os anúncios publicitários com mensagens criativas e, principalmente, se afasta do simples registro circunstancial para uma leitura interpretativa em suas reportagens.

A partir dos anos de 1960, os jornalistas que resistem à ditadura passam a desenvolver grandes reportagens em livros, uma vez que “buscam em outros lugares o espaço que lhes era negado nos jornais” (COSSON; p. 61).

Segundo Menezes (1997), na impossibilidade de tocar em certos assuntos de maneira explícita, a imprensa aperfeiçoou seus métodos de comunicação, driblando a censura. Um clássico exemplo é *O Pasquim*, semanário que congregou talentos como o de Tarso de Castro, Millôr Fernandes e Ziraldo. Por meio do humor, e de um jornalismo bem próximo do literário, se fazia jornalismo irreverente e opositor.

Os anos de chumbo acabaram por favorecer o grupo que melhor servia às elites políticas: a rede Globo expande de jornal para televisão e rádio e se consolida.

### 3.1 JORNALISMO LITERÁRIO

O termo “jornalismo literário” se origina do Novo Jornalismo ou *New Journalism*. Resumidamente, foi um “movimento criado nos anos 60 nos Estados Unidos (...) aderiu, na época, às mudanças na forma de perceber, agir e pensar o mundo” (BOAS, 1996, p. 90). Foi a partir do *New Journalism* que se passou a produzir conteúdos com foco na narrativa similar à literária.

Para Bocchese (2011, p.50), “Sem prejuízo da informação e do fato, o modelo volta sua atenção para o poder da narração, para o envolvimento pessoal por parte do narrador e para a utilização de um realismo social intenso”.

Uma das características que se destaca é observação-participante, quando os jornalistas procuram, muitas vezes, “viver” o ambiente de seus personagens, embora essa não seja uma condição. Na perspectiva do observador, o jornalista literário empreende uma observação mais sensível aos estímulos do ambiente, às nuances das cores, aos aromas, ao tom de voz, transmitindo ao leitor, a partir desse envolvimento, possibilidades de empatia com a história narrada.

De certo modo, o *New Journalism* surge da queda da castração formal imposta socialmente ao jornalismo. A proposta agora é vivenciar o mais próximo possível as experiências do outro, praticando a etnografia se possível, para destacar não apenas fatos, mas sensações e emoções (PONTES; BEZERRA, 2015, p.22).

Enquanto o jornalismo do dia a dia tem um papel importante, um papel de informar, de colocar as pessoas em contato com o que está acontecendo no mundo de forma objetiva e ágil, o jornalismo literário é a oportunidade de aprofundar, contextualizar e, assim, humanizar a narrativa. Em geral, no jornalismo literário as pessoas estão em primeiro plano e a vida dos que sofrem à margem da sociedade é acolhida e apresentada, de modo a tentar recuperar o equilíbrio social.

Mesmo que se utilize o termo literário, é importante ressaltar que não cabe a ficcionalização, uma vez que o compromisso continua sendo com os fatos. No jornalismo literário, capricha-se na contextualização, na descrição, no envolvimento de um leitor que costuma ser fisgado pelo bom texto e sensibilidade descritiva do autor.

Costa (2005) cita como um grande expoente do movimento Norman Mailer, que trabalha significativamente o narrador nos seus textos, agregando emoções e impressões à narrativa. Além dele, outros grandes nomes dos primórdios do *New Journalism* são Jimmy



Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese. Bocchese lembra que “inicialmente, seus textos eram publicados como reportagens em jornais. Mais adiante, as narrativas ganharam feição de romance em grandes narrativas” (2011, p. 51). Um sucesso na época, e que segue como um clássico, é o romance *A sangue frio*, de Truman Capote, obra de não ficção que relata o assassinato de uma família no interior do estado de Kansas, nos Estados Unidos. O autor foi à cidade para entrevistar familiares das vítimas e dos assassinos, reunindo documentos, diários, cartas e algumas provas para resgatar o crime desde o momento em que foi planejado.

A história foi publicada em quatro capítulos na revista *The New Yorker*, o último em 1965, logo após o enforcamento dos assassinos. Segundo Bulhões (2007), a narrativa era impecável, rica em detalhes e respeitando a cronologia exata dos fatos, o que marca a retomada do literário, uma vez que a narrativa jornalística que se consolidou no modelo industrial do século XX prescinde do cronológico para ordenar a informação de forma a priorizar os fatos mais impactantes ou importantes dentro dos critérios da notícia.

A reaproximação entre jornalismo e literatura não ficou restrita aos Estados Unidos e logo chegou à Europa e aos países da América Latina, conforme Medel (2002).

Segundo Lima (2012), o objetivo do jornalismo literário é dar ao leitor uma compreensão aprofundada. Ele toma como exemplo as reportagens de Eliane Brum, que se aproxima das situações reais de forma imersiva, documentando emoções e experiências de seus entrevistados no contexto em que atuam e, a partir disso, desenvolvendo textos ricos que, muitas vezes, iluminam dramas que passam despercebidos no cotidiano.

O certo é que a literatura é a esperança da comunicação, para a qual é necessário que se eduquem não só os futuros jornalistas, mas os leitores. Através da literatura, o homem exerce a sua singularidade, de forma universal. Porque ela é uma forma de expressão oral ou escrita que atravessa os tempos da história humana, que cruza as fronteiras as nações (DRAVET, 2005, p. 89).

Para Peixoto, o que une jornalismo e literatura é mesmo a narração (2005, p. 95). Segundo o autor, jornalismo e literatura são interdependentes e as diferenças entre ambos são cada vez mais irrelevantes:

O leitor atual de jornais já não se contenta com o diálogo apressado e superficial - isso ele pode ter ligando a TV - e são cada vez maiores as influências do jornalismo sobre a literatura. Aceitar essa aproximação, fazer dela uma via de mão dupla, poderá levar a saídas para a crise atual em que se debate o jornalismo (PEIXOTO, 2005, p. 124).

Humanização é uma das características apontadas por Vilas-Boas (2007) como definidoras do jornalismo literário. Na busca por uma prática jornalística voltada ao social,

deixar que o narrador se mostre imerso na história pode ajudar o leitor a se sentir próximo dessas histórias. Costa (2005) aponta o aparecimento de movimentos contemporâneos como o *narrative journalism*, que sugerem um texto que transcenda a simples descrição dos fatos. A ideia é rever a simplificação excessiva e retornar a uma comunicação mais complexa, que possa oferecer uma interpretação da realidade com base em conhecimentos mais amplos, que possam ir além do senso comum.

Costa (2005) recomenda, ainda, que as linhas entre ficção e não ficção se mantenham bem demarcadas, mas que a experiência possa fazer parte do texto de forma a contribuir com as perspectivas do leitor.

A crise econômica, a partir dos anos 80, e a concorrência com os meios de informação eletrônicos impacta na redução das páginas impressas e força a ruptura com o jornalismo literário. A objetividade rouba a cena, mais uma vez:

A lógica da concorrência, que define como pecado mortal deixar de publicar uma matéria que todos os outros jornais exibirão no dia seguinte, somada à lógica da produtividade, que dificulta a liberação do repórter da pauta diária, contribuem para que os jornais tenham cada vez menos grandes reportagens, que exigem tempo, recursos e dedicação. A esses fatores, devem ser acrescentadas a negligente formação técnica do jornalista pelas universidades, a idade cada vez mais baixa com que um repórter passa a editor (em geral quando começa a elaborar criativamente seu texto), a padronização imposta pelos manuais de redação, a cobertura centrada nos mesmos assuntos e personagens oficiais e a dependência cada vez maior das assessorias de imprensa. (COSTA; 2005, p.174).

Nesse contexto, há o reforço de colunas de cronistas, valorizando o subjetivo em espaços complementares.

### **3.1.1 Os perfis jornalísticos**

Os perfis são subgêneros do jornalismo literário. Para Silva (2017, p. 172), nesses textos autorais, a voz do autor é nítida. Por ser “livre das amarras” do texto noticioso, o estilo pessoal acaba por emergir. A assinatura do jornalista pode, por assim dizer, “estar no texto”. O repórter pode aparecer como personagem em cena de forma secundária, apenas para observar e testemunhar os acontecimentos, e não para falar de si, mas suas análises são bem-vindas e podem servir para ampliar a visão do leitor acerca do tema.

Segundo Vilas-Boas (2014), o perfil é um gênero nobre do Jornalismo Literário, uma espécie de texto “biográfico sobre uma – uma única – pessoa”, seja ela viva, ou não, famosa ou anônima (2014, p. 271). O autor complementa que nem tudo que é biográfico é uma biografia.

O texto biográfico é uma composição de diversos “textos biográficos (facetas, episódios, convivas, pertences, legados, o feito, o não feito, etc.” (VILAS-BOAS, 2014, p. 271).

Ainda para o pesquisador, o desafio do jornalista que desenvolve um perfil passa por captar a singularidade do entrevistado:

Cada ser humano tem um perfil, assim como cada perfil só pode ser sobre um ser humano. Se a individualidade fosse banida do mundo e os humanos não passassem de robôs programáveis, sem estilo nem identidade, o texto do tipo perfil simplesmente não existiria. O perfil expressa a vida em seu contexto. Atém-se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiossincrático. (VILAS-BOAS, 2014, p. 271).

O perfil busca reconstruir partes ou grandes acontecimentos da vida de um indivíduo. O entrevistado não é apenas um personagem, embora essa nomenclatura seja utilizada, ele é o centro da narrativa. O jornalista experiente e com senso estético e crítico apurados transforma o perfil em um conteúdo que pode ir do particular para o interesse geral dos leitores. Para tanto, sua observação acerca dos sujeitos perfilados precisa ser consistente, fugindo da fórmula fácil dos maniqueísmos, do expediente gasto da construção de heróis, que nada acrescenta de fato à sociedade, já ludibriada pela mitificação de atores, políticos, esportistas, entre outras figuras que desumanizam a abordagem jornalística, ao embotar a autonomia dos leitores como seres críticos e capazes de transformar suas vidas.

Para Vilas-Boas:

As pessoas percebem quando funcionou corretamente o processo de seleção e recorte (inerente ao *portrait* e ao texto-perfil). Percebem quando as partes reveladoras do Eu Essencial do personagem receberam a devida atenção do artista. Na verdade, a ideia de singularidade em um texto-perfil não tem a ver somente com a individualidade alheia. A singularidade é importante também no que tange ao(s) encontro(s) do autor com o seu personagem. (2014, 271).

O autor destaca que o Brasil não tem tradição em Jornalismo Literário. Para Vilas-Boas, essa é uma das razões de ainda ser escassa e muitas vezes rasa a maioria de nossas produções do tipo perfil.

Revistas como *Piauí* e *Brasileiros*, surgidas entre 2006 e 2008, têm ajudado a reduzir um pouco o nosso déficit em relação aos norte-americanos e hispânicos. Além disso, desde 2002 temos à disposição cursos, livros e sites que ampliaram nosso entendimento sobre o jornalismo das reportagens especiais (VILAS-BOAS, 2014, p. 278).

Captar verbalmente um fragmento da existência de alguém é como fotografar um filme, um mero frame desta película que está girando e sendo revelada aos olhos do espectador através

de um projetor. O jornalista é um “instrumento” para que esta história se manifeste. (SODRÉ; FERRARI, 1986).

Vilas-Boas (2014) defende que o perfil possui uma estruturação bem calculada, e que leva o leitor à reflexão. Isso se dá pela narrativa atrativa do perfil, pois para que um perfil seja escrito, deve haver muita pesquisa, agregando informações e impressões ao texto que sejam relevantes mesmo transcorridos anos depois da publicação.

A técnica básica para a construção de um perfil “fiel” ao personagem é a entrevista, que transcende a mera busca por informações. Medina (2008, p. 4) afirma que a entrevista ajuda a obter respostas, sejam elas por meio de uma pré-pauta, ou por um questionário; ou seja, ao se considerar apenas como uma “técnica”, a entrevista não passará de uma fria relação entre o entrevistado e entrevistador. Se quisermos permanecer no campo profissional do jornalista, devemos debater a técnica da entrevista; no entanto, se o foco é a comunicação humana, o diálogo (ou inter-relação) – propõe Medina (2008, p. 4) - é o que merece atenção. O leitor, telespectador ou ouvinte, sente quando as entrevistas passam emoções e autenticidade, sejam elas pelas declarações ou discurso do entrevistado e também pelo encaminhamento das perguntas do entrevistador.

Medina (2008) desenvolve a ideia de identificação. Esse fenômeno se dá porque há a interligação da fonte de informação – repórter e receptor, ou seja, a vivência desses três indivíduos se interliga em uma única vivência.

A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se em numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que narra e para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam a ela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai, se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. (MEDINA, 2008, p. 6).

Além de reconhecer estas duas formas diferentes de conduzir a entrevista, a autora (2008, p. 6) defende que o diálogo humaniza, aproxima e reforça o fenômeno da identificação. Por outro lado, a condução por meio de um questionário fixa o entrevistador, fazendo com que ele se prenda em ideias preestabelecidas em relação ao entrevistado, caindo assim no “autoritarismo impositivo”; e isto acaba por frustrar o receptor.

Garret (1981, p. 59) defende que em diversos momentos de nossas vidas passamos de entrevistadores para entrevistados; no entanto, não são todas as pessoas que lidam bem ao serem questionadas, a autora usa a entrevista de emprego como um exemplo, muitas vezes podemos nos sentir desconfortáveis com algum tipo de pergunta ou a maneira como esta nos foi dirigida.

Por mais que não haja uma fórmula a ser seguida, existem várias “técnicas” e “métodos” que facilitam essa tarefa; porém, de qualquer modo, não nos tornamos bons entrevistadores do dia para noite, há um longo processo de aprendizado. A autora ainda enfatiza que a entrevista é uma arte de ouvir, perguntar e conversar (GARRET, 1981).

Segundo Floresta e Braslauskas (2009), o repórter deve ter conhecimento com quem irá falar para não cometer erros, como, por exemplo, não usar a linguagem ou a roupa incorreta; mas, independentemente do caso, devemos seguir a política da boa educação. O jornalista pode tentar “quebrar o gelo” começando uma conversa agradável.

O repórter deve mostrar interesse no que está sendo dito pelo entrevistado. Uma das maneiras que a pessoa percebe que está sendo ouvida é quando o jornalista formula uma questão tendo base no que acabou de escutar. O jornalista deve ter em mente que as anotações feitas antes e depois da entrevista são apenas um guia para conduzir a entrevista: “se ficar preso às questões elaboradas antes da conversa, sem prestar atenção no que pode aparecer de novo, é possível que ele (jornalista) perca declarações importantes. Isso só demonstra como toda entrevista exige muito do repórter” (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p.17).

Piza (2010, p. 84) defende que por mais que o perfil seja espaçoso, a leitura dele pode ser muito agradável e saborosa. Através da entrevista o jornalista descobre passagens interessantes da vida do entrevistado, assim como filtra histórias e opiniões do personagem.

O autor explica que em geral, o jornalismo brasileiro tende a “glamourizar” os perfilados, detalhando gestos elogiáveis ou destacando detratores. Assim, afirma que isso é um erro, pois o jornalista acaba se pondo à frente do personagem, ou à frente da “obra”. (PIZA, 2010, p. 84).

Segundo Floresta e Braslauskas (2009, p. 95), no momento de escrever um perfil, o jornalista não deve se limitar a conversar apenas com o perfilado. “Bons perfis podem ser feitos até sem uma conversa com o personagem principal. Ouvir as pessoas é importante para ter acesso a informações sobre as quais o próprio entrevistado não goste de falar abertamente e a episódios mais polêmicos”.

O jornalista não pode falar em tom acusatório, porém, há acontecimentos e reviravoltas que acontecem na vida do personagem que é importante que sejam mostrados no perfil. Para Vilas-Boas (2014), o “problema” da narrativa é total e exclusivamente do jornalista. O personagem não é responsável pela narração de fatos exóticos que ocorreram em sua vida. Cabe ao jornalista saber se expressar e justificar o porquê o personagem fez “isso” ou aquilo”, neste ponto notamos que o jornalista tem liberdade para interpretar o ocorrido e atuar de forma subjetiva no perfil.

Ainda para Floresta e Braslauskas (2009, p. 95), a proposta do perfil é justamente montar um retrato (de forma detalhada) de determinada pessoa. Não existe ninguém que tenha apenas coisas boas para contar a respeito da própria vida “a tendência de quem concede uma entrevista é omitir coisas nas quais não gosta muito de falar ou lembrar”, por isso é importante não falar apenas com o personagem. Segundo os autores, é mais “vantajoso” se o levantamento de informações sobre o personagem for feito antes mesmo da entrevista principal, porque é possível introduzir questões ao longo da conversa, a partir do que o jornalista consegue perceber as reações do entrevistado sobre os assuntos mais delicados.

Florestas e Braslauskas (2009, p. 95) atentam que caso surja uma informação relevante ou até mesmo curiosa (depois da entrevista com a pessoa que será retratada), o correto e ético é que o jornalista volte a procurar pela pessoa, comentando sobre a descoberta e indagando se ela gostaria de “comentar sobre o assunto ou tem algo a acrescentar”.

Florestas e Braslauskas (2009, p. 95) defendem que o importante é em hipótese alguma o profissional da comunicação ludibriar o entrevistado ou dizer que fará uma coisa quando, na verdade, a intenção é fazer outra. Existem outros caminhos para o jornalista saber mais sobre o personagem, um deles é acompanhar a pessoa durante um dia todo, no objetivo de mostrar a rotina dela. Neste caso, a observação do repórter vale mais do que a conversa, pois será por meio da observação e da atenção aos detalhes que o jornalista conseguirá perceber aquilo que o perfilado não falou. Normalmente a pessoa que será acompanhada irá escolher a melhor data para ela, mas cabe ao repórter “captar o que está fora do ‘cenário’ e perceber como de fato a pessoa é, nos pequenos gestos, nas mudanças de humor, na expressão de cansaço ou de irritação” (2009, p. 95).

Vilas-Boas explana que o protagonismo é de fato um ímpeto artístico, pois a arte sempre procurou personagens para ampliar o conhecimento a respeito da natureza humana. “Difícil pensar em literatura, cinema ou teatro sem personagens. Para nos aproximarmos das boas realizações, portanto, deveríamos nos misturar com a arte constantemente, nos expor a ela – sobretudo à literatura” (2014, p. 278).

Sodré e Ferrari descrevem classificações de personagens, como o “personagem indivíduo” (que se destaca por ter uma história incomum), sendo que neste tipo de perfil, o retrato é psicológico. O foco são as atitudes do entrevistado durante a vida e seu comportamento, atuação e peculiaridades também são levados em consideração. O caráter do texto jornalístico neste caso é de imprevisibilidade. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 134).

O “personagem tipo” é o caso de celebridades que podem ser definidas nas categorias de esportistas, cantores, milionários, princesas, dentre outros. O que deve ser salientado nesses

personagens é o que lhes deu a fama – habilidades, talento, dinheiro, beleza ou outro atributo (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 134).

A terceira classificação de personagens é o “personagem caricatura”, na qual o sujeito é definido como “estranho”, pois seus gestos nas palavras dos autores são “grotescos e mirabolantes”. A ousadia caricatural é acentuada com tendências exibicionistas. O narrador pode usar um tom irônico fazendo com que o leitor perceba de certo modo “julgador”. O personagem é o protagonista do perfil. Mas é preciso dizer que nem sempre a reportagem é somente um retrato apenas do personagem (SODRÉ; FERRARI, 1986).

O perfil é importante pois faz com que o leitor tenha empatia com o que está escrito. A empatia é se por lugar do personagem e se questionar: “o que eu faria se estivesse nessa mesma situação?”. O perfil faz o público compartilhar alegrias e tristezas, faz não apenas o jornalista atuar como uma ferramenta para que o perfil seja escrito, faz também que o leitor veja os acontecimentos por outro ponto de vista, além do próprio (VILAS-BOAS, 2014).

### **3.1.2 subgêneros do Jornalismo Literário**

Para Sodré e Ferrari (1986, p. 139), além dos tipos de personagens, há também a classificação de modos e estilos de perfil, a primeira delas é o miniperfil, que às vezes está inserido em todo tipo de reportagem. O destaque nesse caso são os detalhes, os dados, os personagens se tornam secundários, tanto que o relato é interrompido, dando menos destaque para o personagem, assemelha-se a uma narrativa ou curta entrevista.

Mas existe o extremo oposto do miniperfil, que é o multiperfil. Pessoas consideradas mais importantes e significativas acabam por merecer uma cobertura maior que apenas a do perfil. Inúmeras matérias são publicadas e servem como um testemunho da vida e obra do focalizado. É dado este nome (multiperfil) pois é apenas um objeto da narração, porém, são vários narradores (SODRÉ; FERRARI, 1986).

O perfil também pode ser entendido como fazendo parte do gênero interpretativo, pois os autores buscam aproximar os leitores do conceito de interpretação, instigam que eles interpretem o que está nas “entrelinhas” do texto. O gênero interpretativo busca aprofundar as temáticas que aborda, e não apenas relatar o que está acontecendo na sociedade. Os jornalistas que se arriscam a escrever textos interpretativos devem estar atentos para que não acabem opinando sobre determinado assunto. A interpretação é atribuir valores a significados. Sendo assim, entendemos que o perfil é um gênero híbrido, sendo um subgênero do jornalismo literário

e que se encaixa em outros dois conceitos de gênero, sendo eles o interpretativo e o diversional. (ASSIS apud RÊGO; AMPHILO, 2010)

Segundo Assis (2010), o jornalismo muitas vezes publica o que não é notícia, porém, o espaço para esse conteúdo é ínfimo, pois o jornalismo tem a função primordial de informar os indivíduos. Mas há também os conteúdos que se apresentam como uma oferta de diversão para que o público o consuma, sendo de certo modo, maneiras de entretenimento ou lazer. (ASSIS apud MARQUES DE MELO, 2010, p. 141).

Mas ao compreendermos melhor sua “natureza”, o perfil certamente se adequa melhor ao gênero diversional, pois é neste gênero que o jornalismo foge do pressuposto de apenas informar o leitor. Neste gênero o jornalismo traz à tona assuntos que não estão sendo comentados nos noticiários, e se permite resgatar fatos que um dia foram notícia, explorando os detalhes que não foram expostos em um primeiro momento. Há também a descrição de ambientes e características das fontes e pessoas que participaram da elaboração do texto, o resgate do fato faz com que a “velha” notícia ganhe novos contornos, fazendo com que algo que parecia sem importância venha à “luz” e se torne interessante para o público. (ASSIS apud MARQUES DE MELO, 2010, p. 141).

Assis (2010) defende o que pensa Melo, ou seja, que o gênero diversional é um gênero complementar, que possui caráter “emocional”. Na perspectiva do autor, o gênero diversional é complementar porque as “espécies hegemônicas do jornalismo são a informação e a opinião, cujas características vêm sendo observadas, pelo menos, desde o início do século 18”, sendo assim, as demais tipologias que surgiram ao longo dos séculos recentes ofereceram diferentes possibilidades ao jornalismo. Este gênero é emocional pelo fato de ter produtos que contêm informação, e por ir além, oferecendo diversão para quem o busca. (ASSIS apud MARQUES DE MELO, 2010, p. 142).

O autor afirma que pensar a respeito da realidade, entretanto, não é uma tarefa simples. Começando pelo fato de que há referenciais que não legitimam a importância do gênero diversional dentro do jornalismo, pois este possui elementos que podem configurá-lo apenas como recursos narrativos (já identificados nos gêneros informativo e opinativo).

Devemos ressaltar que a “diversão” proporcionada pelo jornalismo é diferente do entretenimento que é oferecido pelos programas transmitidos no rádio ou na televisão. Até mesmo dentro de jornais e revistas há jogos ou passatempos, que não podem em hipótese alguma serem confundidos com jornalismo, pois têm a única função de entreter, além de usarem de elementos que não têm compromisso com a veracidade. “A matéria-prima do jornalismo é a realidade. Os jornalistas trabalham exclusivamente com relatos verossímeis, sendo inadmissível



a transgressão da fronteira entre realidade e ficção” (ASSIS apud MARQUES DE MELO, 2010, p. 144).

Existem outras características que aproximam o gênero diversional do perfil e do jornalismo literário, pois neste gênero a estrutura do mesmo está apregoada pela literatura. E isso faz com que os textos sejam humanizados, utilizando recursos que tornem o texto mais agradável para o leitor (ASSIS apud MEDINA, 2010, p. 145).

As bases fundadoras do jornalismo diversional se encontram, na concepção de Erbolato (2006, p. 44), no movimento norte americano denominado *New Journalism*, que, no início da segunda metade do século 20, revolucionou as formas de fazer jornalismo nos EUA e, conseqüentemente, abriu campo para que suas diretrizes fossem incorporadas em outros países. Até então, o trabalho da imprensa daquele país era marcado pela valorização de textos padronizados, sem grandes atrativos; a partir daquele momento, alguns jornalistas começaram a produzir matérias em que se descrevia situações, reproduziam diálogos e, até mesmo, revelavam “os sonhos e conjecturas de cada pessoa envolvida na narrativa”. (ASSIS, 2010, 145).

Assis (2010) afirma que ao longo dos anos, diversos “pesquisadores se propuseram a estudar o gênero jornalístico diversional”, mas esbarraram em algumas “controvérsias” sobre a própria existência deste gênero. Por muito tempo como já citado, Marques de Melo acreditava que o gênero era apenas um recurso narrativo, e não um gênero autônomo. “Mero recurso narrativo que busca estreitar os laços entre instituição jornalística e o seu público e não transcende a descrição da realidade, apesar das formas que sugerem sua dimensão imaginária”. (ASSIS apud MARQUES DE MELO, 2010, p. 148).

No entanto, essa constatação era um espelho da realidade brasileira na década de 1980. Mas é preciso que os gêneros sejam entendidos dentro de um contexto. Sendo assim, as considerações de Melo foram revisadas, e o pesquisador considerou que este gênero é uma maneira do jornalismo sobreviver em um ambiente dominado pelo entretenimento (ASSIS apud MARQUES DE MELO, 2010, p. 148).

Para Assis (2010), vendo por essa perspectiva o gênero diversional compreende sim relatos jornalísticos, “elaborados com técnicas literárias”. Porém, tanto para Melo quanto para Assis este gênero tem como função preencher o momento ocioso das pessoas (ASSIS, 2010, p. 148).

Portanto, ao compreendermos todos esses pontos de vista, podemos notar claramente que o gênero diversional corresponde a conteúdos destinados a distração do leitor, porém, ao mesmo tempo, tanto o perfil literário quanto o gênero diversional “em nada deixam a desejar em termos de veracidade das informações reportadas”. Trata-se, de uma tipificação de texto

voltado à apreciação e contemplação do público, que pode ter em um texto jornalístico muito mais detalhes do que uma notícia que tende a ser mais “objetiva”, o leitor que se aprofunda em perfis e matérias deste gênero tem a possibilidade de se ocupar com a leitura detalhada de tais relatos. (ASSIS, 2010, p. 151).

## 4. ANÁLISE

### 4.1 A GAZETA DO POVO

Em 1919, o advogado alagoano Oscar de Plácido e Silva e o advogado paraibano Benjamin Lins anunciaram a criação da Gazeta do Povo, que surge, segundo seus criadores, como o objetivo de:

(...) defender interesses gerais da sociedade, sem tender a melindres pessoais, traçando um inquérito tão rigoroso quanto possível dos fatos da vida, expondo-os com felicidade para que os cidadãos conheçam os conflitos em que se acham interessados, conheçam o desenrolar dos fatos, assenhorem-se das realidades boas ou más e possam, todos e cada um, escolher a sua diretriz (GAZETA DO POVO, 2019).

No site, o jornal curitibano anuncia a mesma disposição e seus 100 anos de atuação “acompanhando o hábito das pessoas e a cultura dos novos tempos”. Com um modelo que é 100% digital desde 2017, a Gazeta mudou sua sede, um casarão histórico da Praça Carlos Gomes, para o Edifício Aroeira, no Tarumã. Ainda segundo o seu texto de apresentação, implantou metas de qualidade minuciosos para as reportagens, interessada no impacto sobre a vida das pessoas de forma inovadora.

Suas transformações, de acordo com o site, a situam como um case nacional e internacional na era do jornalismo digital. Desde então, o veículo afirma ter investido pesadamente em tecnologia – R\$ 20 milhões nos últimos quatro anos – e em novas estratégias para entender o comportamento dos leitores, algumas delas similares ao que o inglês The Financial Times emprega na atualidade.

### 4.2 O JORNALISMO LITERÁRIO DE JOSÉ CARLOS FERNANDES

José Carlos Fernandes tem 30 anos de carreira. Destaca-se pela formação, além de Jornalismo, Filosofia e Artes, com um importante trabalho à frente da coluna Vozes, da Gazeta do Povo de Curitiba. É professor do curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom), da UFPR. Cronista e colaborador da Gazeta do Povo, onde atuou profissionalmente entre 1989 e 2016. Lecionou nas pós-graduações Jornalismo Literário, da ABJL; Cultura, Comunicação e Arte, da PUCPR; e Comunicação e cultura: interfaces, da Universidade Positivo.

Realizou doutorado e mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialização em História da Arte no Século XX, pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap). Pesquisa jornalismo e leitura, comunicação e oralidade,

história do jornalismo no Paraná. É coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), da UFPR; voluntário do projeto Ler e Pensar do Instituto GRPCom e Jornalista Amigo da Criança da rede Andi. Colaborador da associação Ler.com. Foi consultor do Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Seec-PR) - 2010-2013; e conselheiro da ONG Ciranda, de direitos da infância.

Em entrevista, especialmente para esta pesquisa, Fernandes destaca o passado atuante com comunidades religiosas como um aporte à capacidade de ouvir histórias de pessoas comuns e contar essas histórias fugindo de estereótipos ou abordagens do senso comum. Também a experiência familiar com o comércio teria sido significativa para agregar à prática jornalística a sensibilidade da escuta e da empatia.

Para Fernandes, o jornalismo cultural - uma experiência anterior, que nem sempre depende de ter o factual, o lead, obriga a pensar em aspectos paralelos do cotidiano e pequenas narrativas. Tudo isso ajudou a ir galgando conhecimentos sobre o jornalismo de personagem, como ele chama parte do seu exercício na Gazeta do Povo: mostrar como pessoas que têm histórias inspiradoras podem estar do nosso lado.

Sua intenção, destaca, é despertar a mesma sensibilidade no leitor, mudando sua relação com os espaços urbanos, com o outro, com o mundo, rompendo com o comportamento de gueto, de exclusão, que costumam caracterizar as sociedades com o pensamento mediano.

Fernandes também destaca que não é fascinado pelo termo “jornalismo literário”, uma vez que, para ele, o essencial é a apuração, a busca de várias camadas de fatos, para além da superfície. Ele afirma que acredita muito na reportagem bem-feita, com tempo e perspicácia, o que redundava no jornalismo literário como conceito, dando “tridimensionalidade” às histórias.

O jornalista também destaca a importância do humor, da transcrição da coloquialidade, da transmissão de informações sobre o cotidiano, o “rés do chão”, como Antonio Candido caracteriza a crônica. “Observar as razões práticas, as soluções da vida. É nesse campo que me sinto mais à vontade para fazer emergir os textos, do manuseio da vida concreta” (FERNANDES, 2019).

Quanto aos desafios da profissão, Fernandes aconselha a manter a curiosidade, a capacidade de se surpreender. “Não pré-julgar, acreditar que a realidade pode te mostrar algo diferente do imaginado. Sair da posição do intelectual e se colocar o lugar de um operário da informação, numa linguagem acessível, até confessional, para que o leitor possa ser estimulado a partir da leitura” (FERNANDES, 2019). Fernandes ressalta ainda que o jornalista é um representante do leitor e, portanto, deve amá-lo, ainda que não compartilhem das mesmas

opiniões. “Sem o compromisso com o leitor e a paixão pelo outro o jornalismo pode se tornar uma profissão muito mecânica” (FERNANDES, 2019).

Fernandes conclama aos leitores que abracem o jornalismo em um momento em que ele é tão atacado. “Que possamos desfrutar dessa linguagem hiperdemocrática, construída coletivamente. O jornalismo é vida, uma linguagem do século XX que chega ao século XXI como libelo da democracia”, afirma (FERNANDES, 2019).

Como sistemática de análise, destacaremos e numeraremos trechos dos textos, de forma a facilitar a identificação dos mesmos no momento dos comentários. Os textos analisados encontram-se anexados, para ler as três reportagens na íntegra consulte a página 52. A partir do próximo tópico seguimos com a realização das análises.

#### **4.2.1 - Ouça um bom conselho (2019) - Uma narrativa linear e aprofundada**

Basicamente o texto trata das eleições para o conselho tutelar e da importância da figura dos conselheiros na defesa de crianças e adolescentes. Também destaca que o tema é controverso, pois algumas vezes a imagem do conselheiro foi prejudicada socialmente, a partir de veiculações da mídia que não representam o todo desse agente social que termina por ter também necessidade de cuidados psíquicos, tal a sobrecarga emocional que enfrenta ao interceder em situações-limite com os jovens assistidos.

O ponto de partida deste texto, no jornalismo tradicional, seria o item que marcamos como (6) (Dia 6 de outubro é dia de votar no conselho tutelar.) A inversão do lead já demonstra que a narrativa se aproxima do jornalismo literário ao adotar a linearidade ao invés do esquema de pirâmide invertida, que nos aproximaria diretamente do fato - a eleição.

Seguindo a leitura agradável do texto, se percebe que a opção faz sentido, pois se aproxima com um olhar mais analítico de um contexto complexo que envolve, primeiramente, a imagem que os jornalistas faziam dos conselheiros tutelares e vice-versa, como aponta no item (1): Os motivos são comuns a outros colegas de ofício: desconfiança infundada da imprensa séria – a que fazia apuração, e não aquela que solta fogos de artifício diante de câmeras de tevê –; negativas de entrevistas, o que tornava os conselhos menos visíveis e mais injustiçados do que já são; resistência em repassar dados de interesse público (...). A consciência do lugar de do jornalista e suas repercussões é um diferencial que representa um ganho de qualidade na perspectiva humanizada dessa abordagem.

Se voltarmos à revisão bibliográfica, veremos que os bastidores da reportagem fazem parte da história narrada, o que aproxima, por consequência, o próprio leitor do que será relatado

e oferece essa noção de perspectiva que nos parece mais transparente do que a fria objetividade, uma vez que se percebe que há olhares e impressões vários envolvidos em qualquer acontecimento que se deseje reportar.

No tópico (2), destacamos: Não à toa, um dos problemas que mais assola a instituição conselho tutelar é o adoecimento dos próprios conselheiros. “A gente cuida de todo mundo e não tem quem cuide da gente”, resume Jussara da Silva Gouveia, bacharel em Direito, conselheira tutelar em mais de um mandato. Mais uma vez, se percebe que a perspectiva menos abordada passa a ser um dos motes do texto de Fernandes: quem cuida do cuidador? É esse tipo de pergunta que torna mais reflexivo o texto, sua capacidade de empatia com os entes envolvidos.

Adiante (3), é apresentado o cineasta Elói, e seu projeto de documentar situações de violência sofridas por crianças e adolescentes. Nesse trecho, mais uma vez Fernandes destaca o descompasso entre o que a sociedade vê (ou quer ver) e a realidade enfrentada no cotidiano desses menores.

O item (4), em breves pinceladas, delinea a personagem Eloisa e seus movimentos engajados pela transformação da sociedade. Em poucas palavras é possível apreender um miniperfil dessa ativista. Nesse trecho também aparece mais uma autorreflexão sobre o trabalho do jornalismo: “A família dela tem ligações históricas com a comunidade, e a comunidade da vila vai muito além do que mostra o cardápio do jornalismo policialesco”. Aqui o leitor pode perceber que Fernandes pretende desenvolver um jornalismo de seu tempo, consciente das fragilidades do modo tradicional de operar, aquele em que prevalecem as leituras superficiais de mundo e operavam uma mitificação da verdade como se houvesse porta-vozes de uma imparcialidade que sabemos ser fictícia e, em geral, comprometida com interesses dos meios de comunicação.

O trecho (5) delinea mais uma personagem, Jussara, e sua atuação social. Diferentemente do jornalismo seco tradicional, em que os números prevalecem, aqui eles são secundários, aparecem de forma ilustrativa, mas o foco são as pessoas entrevistadas: “*Conversar com a dupla é se sentir pequenininho. Sem verbas suficientes ou apoio institucional, cruzam o Paraná para dar formação a conselheiros dos 399 municípios do estado, divididos em uma dezena de regionais*”.

Sem receios de usar adjetivos, o bom jornalismo literário praticado por Fernandes demonstra que as narrativas podem - e devem - voltar à cena na comunicação contemporânea.

#### 4.2.2 - "Eram só crianças" - O jornalista diante da dor dos outros

O segundo texto de Fernandes em análise revela que aprofundamento, contextualização histórica, referências do pensamento cultural se revelam ferramentas importantes do jornalismo literário. Resumidamente, o jornalista relata um recente episódio de violência que vitimou jovens de comunidades pobres, trazendo à tona o debate sobre o que de fato sensibiliza os cidadãos e até que ponto o histórico genocídio, especialmente dos negros, seguirá tendo menor espaço nas manchetes dos jornais e na indignação social como um todo.

Com um texto fluente, preocupado em trazer os fatos à luz de processos históricos, Fernandes remete (1) ao início das comunidades periféricas: “Quem se der ao trabalho de abrir jornais curitibanos das décadas de 1950 e 1960 há de se deparar com três regiões onipresentes no noticiário. Elas atendem pelo nome de Vila Capanema, Vila Parolin e o algo dúbio “Inferninho”. Essas três comunidades encontraram seu destino, nos mais de 65 anos que separam o ano em que estamos do ano de 1953 – quando a Gazeta do Povo registra pela primeira vez sua preocupação com o surgimento das favelas na capital paranaense”.

Transcrevemos a íntegra dessa introdução por considerá-la exemplar de um jornalismo mais reflexivo, e que exerce, mais uma vez, a autocrítica sobre o próprio aparelho midiático, quando cita que por 65 anos não figuraram como preocupação na Gazeta do Povo.

Na sequência, explica que existem os Parolins de cima e de baixo (2), explicação que pode parecer redundante para um moderador mais próximo, mas que no geral demonstra mais uma vez a preocupação em contextualizar e trazer um pensamento sintético sobre a cidade - uma forma de contribuir com uma reflexão mais ampla a partir de uma caracterização aparentemente simples, mas ilustrativa.

Fernandes prossegue o texto (3) referindo-se ao fato em si, a violência sofrida pela comunidade, e a mobilização social que se seguiu. É interessante considerar que o fato ocorreu na semana passada, ou seja, o jornalista não está preso ao relato imediato e - muitas vezes - superficiais da corrida noticiosa pelo “furo”. Ao retomar fato ocorrido com uma certa distância temporal, pode produzir análises consistentes sobre o mesmo, sensibilizando leitores. Nesse protesto, repica as frases de protesto, deixando que a voz da comunidade se expresse de algum modo.

A seguir (4), chama a atenção para a triste constatação: “Não é preciso ser um expert para constatar a naturalização da violência contra jovens, pobres e negros – um combo sinistro.” Nesse trecho se evidencia a presença dessa voz - longe da imparcialidade (rasa) apregoada pelo jornalismo tradicional, mais uma vez temos um jornalista de olho nos fatos, podendo expressar

sua contestação até mesmo antes dos números que a fundamentam: “Multiplique-se por uma década e se tem o dado digno de uma guerra no Oriente Médio. Parece mentira, mas não é”. Mais uma vez, a voz de Fernandes chama a atenção para um mal naturalizado socialmente.

Na continuidade (5) surge outra problemática essencial ao texto que, seguindo esse formato literário de ordenação, não se apresentou antes: a indiferença dos curitibanos com a situação. Colocando-se como “ser pensante”, ou seja, com direito a expressar suas expectativas, diferentemente do que se recebe na mídia tradicional, Fernandes admira-se de que o fato não colocou a população nas ruas, quando sua participação poderia ser transformadora. “Uma vez manifesta a indignação, a morte do garoto poderia ser um marco, ao chamar atenção para a vulnerabilidade de crianças que vivem perto demais de bocas de fumo, traficantes armados até os dentes e de policiais da banda podre”. Aqui constatamos a crítica ainda mais clara sobre o problema do tráfico e mesmo de parte da polícia, o que torna relevante a posição de Fernandes no contexto de uma mídia que tradicionalmente se omite diante de problemas dessa esfera.

No item (6), começa a tecer seu comparativo sobre episódio que mobiliza essa mesma comunidade - a divisão da pracinha do Batel em duas. A capacidade de aproximar dois fatos aparentemente desconexos - mas que têm em comum as mobilizações da cidade e a constituição urbana da mesma - é um diferencial do texto. Torna-o, naturalmente, mais crítico. Diferentemente de gêneros mais “engessados”, o jornalismo literário permite que os muitos assuntos se sobreponham em nome dessa dinâmica reflexiva.

Ainda neste trecho, nos interessa a postura: “Todo e qualquer jornalista que tenha feito apuração de violência e segurança pública já se sentiu incomodado com o aparente pouco caso dos leitores e autoridades – das eclesiásticas às eleitas.” Aqui temos mais uma vez a menção ao ofício de jornalista e a permissão para criticar a partir deste lugar, o que nos parece muito relevante até como valorização da profissão, que tem sido fragilizada desde a queda da obrigatoriedade do diploma.

Interessante que temos uma mídia tradicional tão atrelada aos formatos que, muitas vezes, parece que nossos jornalistas nem se incomodam com o descaso das autoridades em casos como esse. Fernandes, ao mencionar tão claramente sua revolta, permite que a voz não apenas se manifeste, mas se constitua, em uma sociedade aparentemente anestesiada pelo entretenimento e o sensacionalismo.

Na sequência, (7) Fernandes passa da revolta à referência do livro de Susan Sontag. É um momento de, ao invés de subestimar a inteligência do leitor, como se costuma fazer com a simplificação exagerada das notícias, oferecer mais material reflexivo acerca do comportamento social, amparando o argumento sobre a indiferença que assola os curitibanos.



O trecho final (8) remete a um caso que chocou o Brasil, o assassinato da menina Ágatha Félix, na periferia carioca. É mais um argumento de contextualização para demonstrar a gravidade do silêncio sobre fatos como esse - e os de Curitiba - narrados, sem medo de conchamar a população, que até então se mostrou indiferente, ao levantar: “Dá para unir nossa voz a voz deles. A isso se chama poder.”

#### **4.2.3 A leitura tem dessas coisas - jornalismo analítico e multirreferencial**

O primeiro aspecto a ressaltar deste último texto de Fernandes em análise é a quantidade de referências que ele traz, o que nos parece ilustrativo de uma profundidade pouco exercida nos moldes tradicionais de jornalismo.

Com vistas a discutir um recente episódio de censura ocorrido na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, Fernandes oferece sua bagagem de leitor e cinéfilo em um rico diálogo onde a contextualização se sobressai. Vejamos os trechos marcados. (1): De início, Fernandes já assume um posicionamento arriscado em termos de avanço conservador, quando destaca a narrativa bíblica assumindo a sua característica mítica, do ponto de vista dos estudos culturais e não da fé. É nessa visada que o autor faz sua primeira provocação, acerca das dificuldades sociais em aceitar-se a homoafetividade.

Na sequência (2), debruça-se os episódios de censura a canais do Youtube, assim como à ação de resistência liderada por Felipe Neto na Bienal, destacando o “direito” à leitura. Para reforçar seu argumento, avança sobre as contradições do que é socialmente aceitável, como a programação televisiva das novelas (que bem classifica como folhetins), de onde emerge boa parte da passividade cultural e um imaginário onde ainda se destacam estereótipos machistas, racistas e um romantismo que pouco contribui com a relações da vida real (3). Também avalia o imaginário impetrado pelo candidato de direita que acabou se tornando presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, ao reforçar o gesto da “arminha”, o que também caracteriza as atitudes de Crivella no Rio, o protagonista do episódio de censura à literatura de então. Consideramos nesse parágrafo a atitude independente de Fernandes, ao assumir uma crítica importante em tempos de escalada da censura. É pertinente conduzir o leitor a refletir sobre o que mais fere a sociedade, então: um beijo gay estampado em um livro ou uma atitude violenta propagandeando o conflito entre supostos “cidadãos de bem” os demais. Poder arcar com um posicionamento na imprensa tradicional, em tempos de tanta recessão, é um grande respiro para a qualidade do pensamento que se leva a público.

Também avalia o sistema de ensino (4) na relação entre leitura e obrigação ao invés de uma leitura que traduza a busca individual pelo conhecimento e pela constituição de sentido por meio da imaginação. Considera, ainda, a sobrecarga de trabalho na sociedade capitalista como responsável por retirar do potencial leitor sua energia para fins que não estejam atrelado ao utilitarismo da leitura. Tais provocações constituem um papel importante no desenvolvimento de um público mais autônomo e sagaz, o que demonstra que o jornalismo literário de Fernandes exerce um papel rara vezes ocupado pela mídia tradicional.

Fernandes prossegue a reflexão remetendo a um importante contexto histórico: a presença tardia dos livros no Brasil, fruto de um processo colonizador sangrento e exploratório, que só teria algum alívio a partir da vinda da Coroa Portuguesa para o Brasil (5). Os soberanos, então refugiados, passam a querer fazer deste um lugar culturalmente mais habitável. Reflexões como esta também são raras, infelizmente, no jornalismo tradicional, o que nos prende a padrões de submissão.

Emerge ainda (6) o contexto ditatorial no Brasil, evidenciando, com dados a respeito de pesquisa, que a leitura no Brasil também reflete o que pauta a mídia tradicional, no caso a revista *Veja*, em um momento em que o escapismo se sobrepõe à crítica para atender interesses políticos que acabam pautando interesse comercial das editoras. Tais reflexões demonstram que Fernandes cumpre o papel de oferecer aos leitores algo mais que os fatos - quiçá esse tipo de jornalismo se torne prática corrente.

## 5. RADIOJORNALISMO

O jornalismo surge no Brasil a partir da atuação de Edgar Roquette-Pinto, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Nesses primórdios, limitava-se à leitura das principais notícias do dia. Somente em 1925 surgiria o jornal transmitido pelo rádio, tendo sua evolução condicionada à evolução dos equipamentos de transmissão.

O desenvolvimento da tecnologia do transistor permitiu a mudança da fonte de alimentação de aparelhos de rádio, propiciando uma característica essencial para esse veículo até os dias de hoje: a portabilidade (FERRARETTO, 2001).

Para a informação chegar até o ouvinte, essa mesma mudança tecnológica foi decisiva. O radialista passou a ter a possibilidade de se deslocar com equipes móveis e implementar o sistema de reportagens, como assinala Neuremberg (2009).

Com a evolução, já no final da década de 40 surgem as primeiras iniciativas de reportagens de rua, com pesados equipamentos - foi o princípio das Unidades Móveis. Segundo Parron (2003), outro avanço foi o gravador magnético, permitindo que as informações fossem armazenadas e reproduzidas posteriormente.

Outra ferramenta muito importante no universo do rádio foi o telefone fixo, utilidade que só seria superada pela mobilidade assegurada pelos aparelhos móveis, muitos com boa qualidade para permitir a cobertura multimídia dos eventos (SILVA, 2008).

O desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação transformam a cada dia a realidade do rádio, mas demonstra que esse tipo de mídia ainda tem um espaço fundamental na sociedade. O contexto de aceleradas mudanças que afetou o rádio a curto e médio prazos faz com que os formatos dialoguem no contexto de convergência das mídias (JENKINS, 2009).

Nem sempre o imediatismo será a característica desse veículo, uma vez que as redes sociais e sites assumiram a premissa da instantaneidade das narrativas, com múltiplas possibilidades de atualização. Assim como acontecia com os jornais, diante das mídias eletrônicas (rádio e TV), agora o rádio também se porta de modo a trazer conteúdos mais analíticos, que avancem com relação ao fático, segundo Herreros (2001).

Esta tecnologia que afeta a produção, transmissão e consumo de conteúdo radiofônico leva os jornalistas a uma nova condição: repensar e rediscutir o radiojornalismo, seus fazeres e sua linguagem. (...) É tempo de pensar o radiojornalismo para além de sua concepção tradicional, considerando as especificidades de suporte que criam uma nova estrutura narrativa para o rádio (LOPEZ, 2009, p.4).

No contexto da análise, entendemos a relevância de nossa proposta de trabalhar em forma de programa radiofônico o Jornalismo Literário, com uma valorização da informação para o ouvinte, como veremos nos roteiros anexos a este desenvolvimento teórico.

## 6 ESPECIAL JORNALISMO LITERÁRIO

O “Especial Jornalismo Literário” surgiu de uma vontade de falar sobre este gênero em uma mídia diferente das que ele aparece tradicionalmente como jornais e revistas. Por isso, escolhemos o radiojornalismo como um meio para falarmos de maneira mais direta com o público, visando uma temática que fosse interessante para os estudantes de Jornalismo.

Durante as pesquisas para um diagnóstico mais profundo, onde realizamos diversas buscas no Google por programas radiofônicos que focassem em jornalismo literário, notamos que há uma lacuna no mercado, onde o jornalismo literário não aparece em veículos de rádio, o que temos em circulação são podcasts que comentam fatos noticiosos, ou histórias de pessoas que marcaram o cenário brasileiro, como por exemplo, o podcast “Presidente da Semana” do grupo Folha de São Paulo – que trouxe ao ouvintes entrevistados que falavam a respeito de cada presidente, do primeiro até o atual.

Tendo isso em vista, pudemos desenvolver um trabalho que busca levar informação sobre este gênero tão diferenciado ao público. Assim, desenvolvemos o “Especial Jornalismo Literário” um programa dividido em cinco episódios, cada qual com cinco minutos, contendo no total 30 minutos de duração, um produto que pode ser transmitido em rádios FM. Tanto a vinheta quanto os backgrounds (BGs) não foram desenvolvidos por nós, eles são pertencentes aos artistas creditados no Apêndice B (consultar página 59). Mas ao que se refere a locução, roteirização, e edição afirmo serem de minha autoria.

Inicialmente, o programa não teria entrevistados, seria um compilado de leitura de reportagens que seguem técnicas do jornalismo literário e o esclarecimento de dúvidas a respeito do gênero. Porém, reformulamos a proposta e decidimos convidar diversos entrevistados, reservando para eles a participação em quatro episódios distintos, destinando apenas um episódio para a leitura de um texto da jornalista Eliane Brum (ela foi convidada para participar do programa, mas recusou devido a conflitos de agenda), e um texto famoso do jornalista Gay Talease. Felizmente, um dos convidados foi o jornalista José Carlos Fernandes, que teve três de seus textos analisados em nosso trabalho teórico.

Os quatro entrevistados foram: José Carlos Fernandes (como já citado), Aliana Machado jornalista e editora-chefe do Jornal Agora Paraná, Mauri Konig jornalista e professor, e Jeferson Ferro professor e escritor. Todos foram escolhidos para dar dinamismo ao programa, e para falarem a respeito de suas experiências, sejam elas no jornalismo tradicional, quanto no jornalismo literário.

Outro detalhe que precisamos expor é que as entrevistas foram realizadas por WhatsApp, pois a agenda da maioria dos entrevistados era conflitante (viagens e entrega de trabalhos), porém, essa foi a solução encontrada para a realização do bate-papo. Não podemos negar que isto influenciou na qualidade do áudio, no entanto, a mensagem ainda é passada aos ouvintes de maneira clara.

Buscamos fechar um ciclo de reflexões sem esgotarmos a temática do jornalismo literário, vendo que é um tema rico e que pode ser explorado de maneira diversa, iniciando pelo que é jornalismo literário até chegarmos na atualidade e as mudanças que estão ocorrendo no gênero, já que a realidade não é estática.

Além de todos estes motivos citados, devemos confessar que o maior incentivo para a realização do “Especial Jornalismo Literário” é mostrar para os estudantes de Jornalismo que existem diversas formas de escrita, e cada uma delas pode “mexer” com as pessoas de maneiras distintas. O jornalismo literário por trabalhar com a subjetividade emociona os leitores, e quando os futuros jornalistas conhecem este gênero e suas técnicas eles podem ser os próximos a emocionarem seus leitores com reportagens belíssimas e profundas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das principais dificuldades ao recortarmos o corpus desta pesquisa foi o entendimento de gênero para classificar o trabalho de José Carlos Fernandes, que se distingue em parte de uma reportagem de Jornalismo Literário tradicional, em alguns momentos dialogando com a crônica e o miniperfil.

Concluimos, a partir da revisão bibliográfica e do aprofundamento das leituras de seus ricos textos disponibilizados on-line que essa dificuldade se explica em parte pelo advento da comunicação em rede. Diferentemente da imprensa clássica, os textos de Fernandes já são concebidos para circularem no site da Gazeta e, a partir daí, também são multiplicados pelos internautas em seus compartilhamentos. Assim, já não mais encaixado no formato estanque das páginas impressas, apresenta uma fluidez maior, e os depoimentos individuais - bem selecionados - representam miniperfis em poucas palavras, uma vez que constituem aspectos essenciais do ponto de vista a ser narrado.

O próprio autor se denomina apenas como um bom repórter, aquele que vai em busca da informação com mais profundidade, contextualização e empatia, evidenciando histórias e pessoas. Fundamentalmente, nos alegra saber que os traços fundamentais do jornalismo literário prevalecem, como o aprofundamento de um tema, as nuances mais subjetivas que ajudam a contar a história de uma forma mais humanizada.

Essa essência do jornalismo literário resgatada por Fernandes nos aproxima de uma comunicação que corresponde à sobrevivência do jornalismo na contemporaneidade - não centrada em uma enxurrada de informações factuais que levam ao escândalo, e muitas vezes ao medo, fenômeno conceituado por Debord (1968) como a espetacularização da notícia, mas no aprofundamento de recortes da realidade dignos de uma avaliação mais aprofundada, de um jornalismo analítico a seu modo, porque mescla os aspectos racionais dessa análise a perfis e vozes que podem contribuir para um texto mais saboroso e significativo, que conduza o leitor às próprias reflexões, principalmente porque essas vozes contempladas fogem à pauta tradicional e às fontes oficiais.

## REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.
- BOAS, Sergio Vilas. Introdução. In: BRITO, José Domingos de (Org.). **Literatura e Jornalismo**. São Paulo: Editora Novera, 2007.
- BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis: o mundo dos outros, 22 personagens e 1 ensaio**. São Paulo: Manole, 2014. 287 p.
- BOCCHESE, Marcell. **A crônica como gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura: uma denominação através de quando a neve cai no Brasil**, de Paulo Ribeiro. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/603/Dissertacao%20Marcell%20Bocchese.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 397 p.
- FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Luzatto, 2001.
- FERNANDES, José Carlos. Ouça um bom conselho. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 29 de setembro de 2019. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/jose-carlos-fernandes/ouca-um-bom-conselho-conselheiros-tutelares/>. Acesso em 20 de novembro de 2019.
- FERNANDES, José Carlos. “Eram só crianças”. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 6 de outubro de 2019. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/jose-carlos-fernandes/eram-so-criancas-parolin-violencia/>. Acesso em 12 e novembro de 2019.
- FERNANDES, José Carlos. A leitura tem dessas coisas **Gazeta do Povo**. Curitiba, 22 de setembro de 2019. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/jose-carlos-fernandes/a-leitura-tem-dessas-coisas/>. Acesso em 16 de novembro de 2019.
- FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS Lúgia. **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Saraiva, 2009. 163 p.
- GARRETT, Annette. **A entrevista – seus princípios e métodos**. Rio de Janeiro: Agir, 1991. 214 p.
- HERREROS, Cebrian. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-arte: Edusp, 1990. 80 p.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima. **EPL**, 2017. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo->



literario/conceitos/90-conceitos/191-verbetes-elaborados-por-edvaldo-pereira-lima> Acesso em: outubro 2019

MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex. **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. 331 p.

MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2010. 143 p.

PONTES, Diogo de Mendonça; BEZERRA, Ada Guedes. A notícia pode ser você: do New Journalism ao Sensacionalismo. **Anais do 17º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste**. Natal, 2015.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. **Do livro ao jornal: o texto fragmenta-se na notícia**. In: Conexão: Comunicação e Cultura, Caxias do Sul: UCS, V. 8, n. 16 (jul./dez. 2009), 2010.

SILVA, Jorge Guimarães. 1906-2006. 100 anos de radiodifusão sonora. Biblioteca da história do rádio. Disponível em <<http://www.locutor.info/Biblioteca.htm>>. Acesso em 18 de novembro de 2019.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: ROTEIRO PROGRAMA RADIOFÔNICO “ESPECIAL JORNALISMO LITERÁRIO”

<b>Nome do programa</b>	<b>Especial Jornalismo Literário</b>
<b>Locutor (a)</b>	Larissa Oliveira
<b>Duração</b>	30 minutos (5 episódios de 5 minutos)
<b>TÉCNICA</b>	Vinheta de abertura
<b>LOCUÇÃO</b>	<p><b>Episódio 1:</b> Olá, personas! Sejam todos bem-vindos ao programa Especial Jornalismo Literário. Meu nome é Larissa Oliveira e ao longo de cinco episódios vamos conversar sobre este incrível gênero jornalístico.</p> <p>Neste episódio de estreia eu vou comentar rapidinho como serão os próximos capítulos dessa jornada. Vou falar sobre o que é jornalismo literário, onde ele surgiu, a importância que este gênero tem, tanto internacional quanto nacionalmente, quais são os subgêneros dele, além de ler trechos de algumas reportagens que seguem este estilo.</p> <p>Estão prontos? Então aumenta o volume e vem comigo hey e se prepara para a surpresa lá no segundo bloco!</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>O termo “jornalismo literário” se origina do Novo Jornalismo. Resumidamente, foi um “movimento criado nos anos 60 nos Estados Unidos, mas o jornalismo literário não é um fenômeno somente norte-americano, ele surgiu em diversos países no mesmo período. E você deve estar se perguntando “por que jornalismo literário?”, calma caro ouvinte, essa dúvida já vai ser esclarecida! Este gênero tem este nome, pois, se reserva a uma narrativa similar à literária. Ou seja, a narração é tão detalhada e eficiente que além de transmitir a informação, ela é prazerosa, divertida e emocionante. O jornalismo literário tem um propósito diferente do jornalismo cotidiano, se o jornalismo do dia a dia se propõe a informar o público de maneira entre aspas rápida, falando a respeito de acontecimentos em primeira instância de forma objetiva, o jornalismo literário vai na contramão disso, e tem o propósito de levar o leitor a reflexão perante determinados acontecimentos aprofundando-os de maneira magistral e subjetiva.</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Mas se engana quem pensa que o jornalismo literário flerta com a ficção, por mais que os recursos narrativos usados sejam diferentes do jornalismo cotidiano, o jornalismo literário trabalha com fatos. Existe sim liberdade dentro do gênero, mas é preciso que haja consciência e ética deontológica para que se faça um trabalho honesto para com o leitor. E neste segundo bloco conversarei com o jornalista José Carlos Fernandes. Fernandes tem trinta anos de carreira e atua como professor na UFPR.</p>

<p>Tudo bem José, seja bem-vindo ao Especial Jornalismo Literário. Você é uma pessoa que gosta de conversar com as personagens, estar próximo, ouvir a história de cada uma, como isso começou?</p> <p>Entrevistado: DI: Antes do jornalismo... DF: ouvir histórias de pessoas comuns.</p> <p>Então, Zeca nos conte qual a sensação de fazer um jornalismo cultural e diferenciado que foge do convencional. O que te motivou a ir nessa direção?</p> <p>Entrevistado: DI: Eu acho que o jornalismo... DF: de maneira jornalística.</p> <p>Você consegue destacar o que você mais gosta no gênero e em seu próprio trabalho?</p> <p>Entrevistado: DI: Eu acredito muito na reportagem... DF: e as pessoas.</p> <p>E para encerrar nosso bate-papo o que você acredita ser o maior desafio, e qual o “conselho” que você daria aos estudantes que querem seguir pelo viés do jornalismo literário?</p> <p>Entrevistado: DI: Os desafios da nossa profissão... DF: perguntas às vezes muito simples.</p> <p>Muito obrigada pela sua participação Entrevistado: DI: Muito obrigado a todos pela atenção DF: procurando a verdade.</p> <p>Se você ficou interessado em conhecer o trabalho do José Carlos Fernandes, você pode encontrar as matérias dele no site da Gazeta do Povo. É isso aí pessoal, este primeiro episódio chegou ao fim, mas calma que semana que vem tem mais. Um abraço! Tchau, Tchau.</p>
---

<b>Nome do programa</b>	<b>Especial Jornalismo Literário</b>
<b>Locutor (a)</b>	Larissa Oliveira
<b>Duração</b>	30 minutos (5 episódios de 5 minutos)
<b>TÉCNICA</b>	Vinheta de abertura
<b>LOCUÇÃO</b>	<p><b>Episódio 2:</b> Olá, personas! Sejam todos bem-vindos ao programa Especial Jornalismo Literário. Meu nome é Larissa Oliveira e vamos dar início ao segundo episódio da série. Hoje vou falar sobre as principais características do jornalismo literário. E para acentuar as diferenças entre jornalismo literário e jornalismo convencional, vou conversar com a jornalista Aliana Machado editora chefe do jornal Agora Paraná.</p> <p>Estão prontos? Então aumenta o volume e vem comigo!</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>No episódio anterior nós conversamos sobre o que é jornalismo literário e convidamos o jornalista José Carlos Fernandes para comentar sobre a experiência dele com as personagens que ele conhece, entrevista e escreve a respeito. Mas hoje vamos mudar o foco e falar das características do jornalismo literário.</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>O jornalismo literário consegue trabalhar desde temáticas simples até as mais complexas, mas existem pilares em que se baseia para dar profundidade ao tema escolhido. Suas características são diversas, como por exemplo, a imersão do repórter na realidade em que se encontra – herança láá do Novo Jornalismo, onde o jornalista tem voz dentro da reportagem. Além disso, temos o estilo da narrativa mais literária como já citamos no programa anterior. Há o uso de metáforas, e o principal: a humanização. É a humanização que daremos mais destaque neste encontro. Pois, ela é um grande diferencial deste gênero.</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Após a realização de diversas pesquisas sobre jornalismo literário posso destacar que a humanização é uma das características mais marcantes. E você pode estar pensando “poxa, Larissa, o jornalismo faz isso o tempo todo, por esse motivo, entrevistamos fontes para humanizar a matéria”. E é neste momento que eu concordo com você, mas devo acrescentar que no jornalismo cotidiano as fontes nos auxiliam a informar, a maioria é alguém que presenciou um fato, um policial, político, médico ou especialista. Essas fontes não são tridimensionais como no jornalismo literário. Pois, no jornalismo convencional temos que informar o leitor de forma ágil, trazendo no primeiro parágrafo da matéria, o “lead”, respostas pras famosas perguntas: quem, o que, quando, onde, por que e como. Já no jornalismo literário a complexidade humana ganha espaço, e então temos jogos de luz e sombra, personalidade, acontecimentos da vida do personagem sendo colocados no texto.</p>

	<p>Para que vocês entendam de forma mais clara essa discrepância, conversaremos com a jornalista Aliana Machado. Ela é editora chefe do Agora Paraná, um jornal impresso que circula por Curitiba e região metropolitana, o mesmo também tem uma versão on-line.</p> <p>Olá, Aliana. Seja bem-vinda ao Especial Jornalismo Literário. Gostaria de saber qual o papel da fonte em um jornal que tem um dead line diário.</p> <p>Entrevistada: DI: O personagem no literário... DF: o máximo que a gente fala.</p> <p>Você pode contar para a gente como é sua rotina no jornal, de que forma se dá a escolha das matérias e como o lead é importante para este tipo de jornalismo?</p> <p>Entrevistada: DI: No jornalismo impresso... DF: o tempo delas pra ler.</p> <p>Obrigada, Aliana. Foi muito bom tê-la conosco.</p> <p>Entrevistada: DI: Imagina eu que agradeço a oportunidade... DF: pontos que são principais.</p> <p>É isso, aí caros ouvintes. Voltamos semana que vem com o terceiro episódio desta série sobre jornalismo literário, um abraço e até mais!</p>
--	---

<b>Nome do programa</b>	<b>Especial Jornalismo Literário</b>
<b>Locutor (a)</b>	Larissa Oliveira
<b>Duração</b>	30 minutos (5 episódios de 5 minutos)
<b>TÉCNICA</b>	Vinheta de abertura
<b>LOCUÇÃO</b>	<p><b>Episódio 3:</b> “Você já reparou nos olhos das pessoas na rua? Muitas têm pupilas opacas e, junto com os ombros voltados para dentro, arqueados como se carregassem uma canga de boi, esculpem a imagem de uma infelicidade crônica, venenosa e que mata devagar. Têm olhos de seca, olhos assassinados. Porque os olhos são os primeiros a morrer. E as ruas estão cheias de moribundos. Quando aparece alguém de olhos brilhantes, dá vontade de parar, pedir licença e intimar: o que você está escondendo atrás dessas pestanas?</p> <p>Dona Maria tem olhos brilhantes. Maria Alícia Freitas, 55 anos, dez filhos, onze netos e um bisneto, tem olhos brilhantes. Sabe por quê? Porque dona Maria tem um sonho. Descobriu que tinha aos nove anos e conseguiu realizá-lo aos 55. Sim, porque sonhos não se encontram nas prateleiras, não basta atirar o cartão de crédito no balcão e sair com um debaixo do braço. Sonhos são touros xucros. Tem de pegar à unha. É isso ou ficar pelos cantos exercitando a autocomiseração, chapinhando na apatia”.</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Olá, personas! Sejam todos bem-vindos ao terceiro episódio do Especial Jornalismo Literário. Meu nome é Larissa Oliveira e hoje começamos o programa com um trecho do perfil “Dona Maria tem olhos”, da jornalista, documentarista e escritora Eliane Brum.</p> <p>Você conseguiu notar a profundidade deste texto, o quanto ele é tocante e nos faz mergulhar e imaginar como são os olhos de Maria, além de nos instigar a descobrir qual o sonho dessa mulher? O jornalismo literário mexe conosco, e nos faz ver uma vida que ninguém vê, e até a simplicidade se torna extraordinária. O tema de hoje é o perfil, um subgênero do jornalismo literário.</p> <p>Estão prontos? Então aumenta o volume e vem comigo!</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Assim como o jornalismo literário é uma das variações do jornalismo, temos o perfil jornalístico como uma variação dentro do próprio jornalismo literário. Parece confuso, né? Mas fique tranquilo que isso aqui não vai se tornar Inception e você vai entender.</p> <p>Segundo o escritor Sergio Vilas Boas abre aspas “Cada ser humano tem um perfil, assim como cada perfil só pode ser sobre um ser humano. Se a individualidade fosse banida do mundo e os humanos não passassem de robôs programáveis, sem estilo nem identidade, o texto do tipo perfil simplesmente não existiria. O perfil expressa a vida em seu contexto. Além</p>

se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiossincrático”. Fecha aspas.

O perfil busca reconstruir partes ou grandes acontecimentos da vida de um indivíduo. O perfilado não é apenas um personagem, embora essa nomenclatura seja utilizada, ele é o centro da narrativa. O jornalista experiente com senso estético e crítico apurados transforma o perfil em um conteúdo que pode ir do particular para o interesse geral dos leitores. Para tanto, sua observação acerca dos sujeitos perfilados precisa ser consistente, fugindo da fórmula fácil dos maniqueísmos, do expediente gasto da construção de heróis, que nada acrescenta de fato à sociedade, já ludibriada pela mitificação de atores, políticos, esportistas, entre outras figuras que desumanizam a abordagem jornalística, ao embotar a autonomia dos leitores como seres críticos e capazes de transformar suas vidas.

### **BG - Sobe som**

“Sinatra estava doente. Padecia de uma doença tão comum que a maioria das pessoas a considera banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria. Frank Sinatra está resfriado. Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível - só que pior”.

Este trecho foi retirado do perfil Frank Sinatra está resfriado, um artigo que é uma aula de como escrever um perfil detalhado e minucioso, e é até hoje considero o retrato mais profundo feito a respeito do cantor. Tudo começou quando Sinatra se recusou a dar uma entrevista a Talese, então ele entrevistou as pessoas que estavam ao redor do cantor, assim foi criada essa obra de arte. A técnica básica para a construção de um perfil “fiel” ao personagem é a entrevista, que transcende a mera busca por informações. A entrevista ajuda a obter respostas, sejam elas por meio de uma pré-pauta, ou por um questionário; ou seja, ao se considerar apenas como uma “técnica”, a entrevista não passará de uma fria relação entre o entrevistado e entrevistador. Porém, o foco é a comunicação humana, o diálogo. O leitor, telespectador ou ouvinte, sente quando as entrevistas passam emoções e autenticidade, sejam elas pelas declarações ou discurso do entrevistado e pelo encaminhamento das perguntas do entrevistador. Assim, nota-se que houve a preocupação em se executar um bom trabalho.

### **BG – Sobe som**

Captar verbalmente um fragmento da existência de alguém é como fotografar um filme, é um mero frame desta película que está girando e sendo revelada aos olhos do espectador através de um projetor. Para os escritores Sodr e e Ferrari o jornalista   um “instrumento” para que esta história se manifeste. Aqui encerramos nosso terceiro episódio, espero você na semana que vem. Até mais!

<b>Nome do programa</b>	<b>Especial Jornalismo Literário</b>
<b>Locutor (a)</b>	Larissa Oliveira
<b>Duração</b>	30 minutos (5 episódios de 5 minutos)
<b>TÉCNICA</b>	Vinheta de abertura
<b>LOCUÇÃO</b>	<p><b>Episódio 4:</b> Olá, personas! Sejam todos bem-vindos ao programa Especial Jornalismo Literário. Meu nome é Larissa Oliveira e vamos dar início ao penúltimo episódio desta série de cinco capítulos. Nessa viagem radiofônica já passamos por definições e conceitos deste gênero híbrido, mas hoje nosso bate papo será sobre a produção do jornalismo literário na prática, e para isso, convidamos o premiadíssimo jornalista e professor Mauri König para falar da experiência dele com o jornalismo literário ao longo de três décadas de carreira.</p> <p>Estão prontos? Então aumenta o volume e vem comigo!</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Contar histórias é algo vital para nós humanos, é algo natural, pois é por meio das histórias que trocamos experiências. E assim evoluímos. A ideia do Especial Jornalismo Literário não é esgotar esta temática, e sim levar ao conhecimento do ouvinte diversas maneiras de contar histórias. Dentro do jornalismo literário notamos que existem subgêneros, como o perfil, que citamos no programa passado.</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Dentre os verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima está o livro-reportagem. Que segundo ele é um “veículo jornalístico impresso não-periódico contendo matéria produzida em formato de reportagem, grande-reportagem ou ensaio. Caracteriza-se pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar. É um veículo talhado por excelência para a prática do Jornalismo Literário”.</p> <p>O convidado de hoje começou a se aventurar no jornalismo em 1990, ainda quando cursava a faculdade Letras em Foz do Iguaçu. A paixão por ler e contar histórias foi ganhando mais destaque na vida daquele jovem profissional, e aos poucos o jornalismo literário se apresentou de vez em sua jornada. Mas eu gostaria que você, Mauri, contasse para nossos ouvintes como se deu essa trajetória.</p> <p>Seja bem-vindo.</p> <p>Entrevistado:  DI: Lá por 94/95 eu já fazia algumas experiências...  DF: Valdir Sanchez no jornal da Tarde.</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p>



Tive a oportunidade de conhecer o trabalho que você faz com o livro-reportagem *Brasil Oculto*, onde você conta histórias de personagens que me impactaram profundamente. O jornalismo literário se mescla ao investigativo e nos revolta, instiga, em certos momentos nos transtorna, realmente é uma bagunça de emoções. Mas eu gostaria de saber de você se no momento de compor as reportagens se você também se emociona.

Entrevistado:

DI: A gente precisa ouvir...

DF: capacidade de emocionar o nosso leitor.

A respeito da sua carreira como professor, você já ministrou a disciplina de "Redação Jornalística", e nela contou sobre sua experiência e incentivou os estudantes a conhecerem o jornalismo literário. Em sua opinião deveria haver um estímulo maior para que os estudantes conhecessem um jornalismo diferente do jornalismo diário?

Entrevistado:

DI: Eu procuro apresentar o jornalismo literário...

DF: aplicar ao discurso jornalístico.

Para finalizarmos este episódio com aquelas dicas de ouro, quais jornalistas e reportagens você indica para leitura de um bom jornalismo literário?

Entrevistado:

DI: Ernest Hemingway... Eliane Brum... Edvaldo Pereira Lima.

DF: no jornalismo literário.

Muito obrigada Mauri, foi um prazer tê-lo conosco neste quarto capítulo do Especial Jornalismo Literário. E é como diz nosso entrevistado "o jornal morre, mas o jornalismo nunca vai morrer". Abraços, personas e até semana que vem!

<b>Nome do programa</b>	<b>Especial Jornalismo Literário</b>
<b>Locutor (a)</b>	Larissa Oliveira
<b>Duração</b>	30 minutos (5 episódios de 5 minutos)
<b>TECNICA</b>	Vinheta de abertura
<b>LOCUÇÃO</b>	<p><b>Episódio 5:</b> Olá, personas! Sejam todos bem-vindos ao programa Especial Jornalismo Literário. Meu nome é Larissa Oliveira e vamos dar início ao último episódio desta jornada radiofônica. O objetivo hoje é falarmos sobre o futuro do jornalismo literário, e para isso convidamos o professor e escritor Jeferson Ferro.</p> <p>Estão prontos? Então aumenta o volume e vem comigo!</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Nós já conversamos sobre as diversas faces do jornalismo literário, e vimos que ele está consolidado dentro do jornalismo. A subjetividade dentro do gênero não é tida como uma maneira de opinar sobre determinada personagem ou fato, e é sim uma maneira de aproximar o leitor àquela realidade. Mas depois de vermos sobre Perfil, técnicas, livro reportagem e grandes jornalistas, vamos focar em falar sobre o futuro do jornalismo literário.</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Como vocês já devem ter percebido nosso principal mentor teórico para a execução deste programa é o escritor e jornalista Edvaldo Pereira Lima. E ele nos vem com uma proposta interessante, pois o mundo tem mudado tanto, e tão rapidamente que nossa percepção também se altera.</p> <p>Edvaldo adverte que profissionais, principalmente do cinema, e de mídias audiovisuais têm trabalhado com a jornada do herói, e isso cativa os espectadores. Essa jornada, com adaptações, também pode ser executada no jornalismo literário, por isso a proposta de avançar a percepção do jornalista para que ele integre essa jornada a um personagem real. Edvaldo chama este movimento de Jornalismo Literário Avançado, e vai além, ao fazê-lo interagir com a neurociência, a sétima arte e a psicologia.</p> <p><b>BG - Sobe som</b></p> <p>Para falarmos mais a respeito do futuro do jornalismo literário, convido o professor e escritor Jeferson Ferro. Seja bem-vindo ao Especial Jornalismo Literário. Professor, gostaria de saber: em sua opinião como delimitamos o que é jornalismo literário atualmente?</p> <p>Entrevistado:  DI: Essa mistura do jornalismo...  DF: narrativas.</p>

Você poderia citar exemplos de onde encontramos essas narrativas jornalísticas mescladas a modos ficcionais de contar histórias, em quais mídias elas estão mais presentes?

Entrevistado:

DI: A gente vê muito isso no audiovisual...

DF: isso acontecer.

Jeferson, muito obrigada por sua participação! É isso aí personas, ficamos por aqui. Agradeço a todos que acompanharam esta trajetória de cinco episódios, onde pudemos conhecer mais sobre o jornalismo literário desde sua origem até a atualidade. Espero de verdade ter despertado a curiosidade em você a respeito desse tema. Bom, é isso aí pessoas, um abraço, tchau!

APÊNDICE B: FICHA TÉCNICA DO PROGRAMA RADIOFÔNICO “ESPECIAL JORNALISMO LITERÁRIO”

<b>Programa:</b>	Especial Jornalismo Literário
<b>Apresentadora</b>	Larissa de Oliveira
<b>Duração</b>	30 minutos
<b>Entrevistados</b>	<b>Episódio 1</b> – José Carlos Fernandes <b>Episódio 2</b> – Aliana Machado <b>Episódio 4</b> – Mauri König <b>Episódio 5</b> – Jeferson Ferro
<b>Edição</b>	Larissa de Oliveira
<b>Produção</b>	Larissa de Oliveira
<b>Data de gravação</b>	13/11/2019
<b>Trabalhos técnicos e sonoplastia</b>	Evandro Tiago Tosin
<b>Orientação</b>	Otacílio Vaz
<b>Vinheta</b>	Yann Tiersen - J'y Suis Jamais Alle
<b>BGs / Sobe som</b>	<b>Episódio 1</b> – Daniel Hart: Safe, Safe, Safe / The Neighbourhood: Afraid <b>Episódio 2</b> – The Neighbourhood: Daddy Issues / The Neighbourhood: Nervous <b>Episódio 3</b> – Billie Eilish: Lovely / Frank Sinatra: That's Life <b>Episódio 4</b> – Aurora: Runaway / Fresno: Abrace sua sombra <b>Episódio 5</b> – Aurora: Running With the Wolves / Aurora: Winter Bird.

## ANEXOS

### ANEXO A: REPORTAGENS DE JOSÉ CARLOS FERNANDES ANALISADAS NESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.

#### **Texto 1 - Ouça um bom conselho (2019) - Uma narrativa linear e aprofundada**

Tenho na lembrança uma cena de reportagem. Anos atrás, durante uma imersão numa zona de risco – cujo endereço é prudente preservar –, um morador apontou para uma ruela de dar medo, dessas que abundam nas mais de 200 ocupações irregulares de Curitiba. Disse que não devíamos passar daquela divisa. Era zona proibida. E que apenas uma instituição estava autorizada pelos traficantes a cruzá-la – o conselho tutelar.

(1) Àquela altura, como qualquer jornalista que tenha, um dia, produzido matérias sobre a infância e adolescência em situação vulnerável, acumulava uns tantos perrengues com alguns conselheiros tutelares. Os motivos são comuns a outros colegas de ofício: desconfiança infundada da imprensa séria – a que fazia apuração, e não aquela que solta fogos de artifício diante de câmeras de tevê –; negativas de entrevistas, o que tornava os conselhos menos visíveis e mais injustiçados do que já são; resistência em repassar dados de interesse público; e, o que mais doía, jogos infantis de antipatia com o veículo que a gente representava, o que punha os pequenos mais uma vez no meio do ringue dos adultos.

Em miúdos, era uma lenha fazer apurações urgentes sobre a falta de vagas em centros de educação infantil, os CMEIs; dar manchete a violações de direitos ou fazer barulho para mostrar como as fichas que controlam a evasão e o abandono escolar formavam pilhas na mesa dos conselheiros – em meio ao silêncio criminoso das famílias e das instituições de ensino. Mas não havia embate ocasional com esse ou aquele agente do Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, que permitisse esquecer que havia centenas de ruelas na cidade em que só eles conseguiam entrar. E que nesses locais havia meninos e meninas à espera de quem os socorresse. O respeito e defesa dos conselheiros tinha de ser superior a eventuais chutes na canela. Eles vão aonde a gente não consegue chegar.

Os impasses, claro, serviam para mostrar certas fragilidades dos conselhos na compreensão do papel da imprensa, mas também para um mea culpa. Jornalista quer dados, personagens, faz seu serviço, vira as costas e vai embora. Não temos o ônus de encontrar no mercadinho da vila algum miliciano a quem tivemos de aplicar a lei. Mais. Em geral, nos escapa a rotina dos conselheiros em espaços minúsculos de atendimento, sujeitos a plantões da madrugada, tendo de atender situações que só os fortes podem suportar. (2) Lembro de ouvir de uma conselheira o constrangimento que sofria a cada mãe que chegava, para relatar abuso

sofrido por uma filha, sendo que ao lado havia uma penca de outras pessoas que podiam ouvir o relato – audível entre paredes feitas de compensado. Não à toa, um dos problemas que mais assola a instituição conselho tutelar é o adoecimento dos próprios conselheiros. “A gente cuida de todo mundo e não tem quem cuide da gente”, resume Jussara da Silva Gouveia, bacharel em Direito, conselheira tutelar em mais de um mandato.

Não faz muito tempo, o cineasta curitibano Elói Pires Ferreira produziu o piloto de uma série de televisão inspirada no SOS Criança – espécie de vovozinho dos conselhos tutelares. Estava animado com a possibilidade de ocupar espaço na televisão com um assunto relevante, por meio de uma produção nacional nos canais por assinatura. Reuniu conhecidos para degustação do episódio no apartamento da pesquisadora de cinema Solange Stecz, minha mais ilustre vizinha de quarteirão. (3) Findada a projeção, a pergunta que fizemos a Elói era se numa sociedade escapista como a nossa o público teria estômago para acompanhar do sofá tantas sequências de crueldades contra a infância, a exemplo das que tinha recolhido. O projeto descansa numa gaveta. Os conselheiros continuam se levantando da cama todos os dias para enfrentar a negligência de pais, parentes, conhecidos. A vida delas tende a ser realidade demais para a ficção.

Conheci Jussara da Silva Gouveia numa situação banal de redação de jornal. Tive a honra de, por uns bons tempos, ser vizinho de mesa do jornalista Mauri König, reconhecido nacional e internacionalmente por sua atuação corajosa em prol da infância. Falei que estava arrancando os cabelos para finalizar uma matéria que tinha os conselhos como fonte. Tinha acabado de sair de uma longa jornada profissional no hoje finado Caderno G da Gazeta do Povo e não estava acostumado a receber “não” como resposta das fontes. Estava em meio a uma guerra de nervos. Abriu a agenda e passou o fone de duas conselheiras – Eloísa Kulcheski e Jussara Gouveia. Que me apresentasse em nome dele. Foi um legítimo “abre-te Sésamo”. Os conselheiros continuam se levantando da cama todos os dias para enfrentar a negligência de pais, parentes, conhecidos

(4) Eloísa – hoje em outro projeto de vida – não só mostrou as entranhas dos conselhos como ajudou a produzir matérias sobre um dos espaços mais interessantes de Curitiba, a Vila Nossa Senhora da Luz, primeira Cohab paranaense. A família dela tem ligações históricas com a comunidade, e a comunidade da vila vai muito além do que mostra o cardápio do jornalismo policialesco. Graças à conselheira – falo sem medo –, o conjunto popular mais conhecido das araucárias passou a ser visto como um lugar, no sentido mais humano da palavra.

(5) Quanto a Jussara, o número de seu telefone não parou de bater asas por aí. Sempre que a vejo, peço desculpas por divulgá-lo a estudantes de Jornalismo, colegas de profissão e

pesquisadores ocupados do ECA. Ela acha graça. Não à toa, a eterna conselheira – pois mesmo quando está sem mandato é reconhecida como tal – se tornou a presidente de honra da Associação de Conselheiros Tutelares do Paraná, hoje presidida pelo cientista social Márcio Rosa da Silva, de Foz do Iguaçu. Conversar com a dupla é se sentir pequenininho. Sem verbas suficientes ou apoio institucional, cruzam o Paraná para dar formação a conselheiros dos 399 municípios do estado, divididos em uma dezena de regionais. “Devo ser meio louca”, brinca ela, antes de esboçar um alerta: faz o que gosta, e não se sente bem na pele de uma heroína da infância. E aproveita para tricotar sobre conselheiros como Maurina Carvalho, moradora da Vila Torres, e um dos símbolos da resistência do setor. A conversa que puxa é para bons entendedores – Jussara se vê no papel daquela que trabalha para que os conselhos enfrentem os novos desafios, e são muitos, incluindo o suicídio de jovens, mas que continue a promover figuras carismáticas como Maurina. Há muitos e muitas como ela, podem acreditar.

Eis o ponto. Os conselhos são um produto do Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 13 de julho de 1990, que é resultado das lutas do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua – entre outras ações da sociedade organizada. Foi uma baita história e ferve o sangue a cada vez que algum ignorante se ocupa de descartá-la, como se fosse palha que o vento leva. A figura do conselheiro não surgiu de uma canetada, mas de muito debate público. É uma ideia sólida. Mesmo assim, está à mercê de toda sorte de incompreensões – dos populares, que insistem em ameaçar seus filhos, substituindo o conselheiro pela figura do “homem do saco”; passando pelos que teriam obrigações minimamente racionais com o tema, mas insistem em rotular os conselheiros como defensores de quem merecia estar preso antes mesmo de ter um fio de barba na cara. Entre outras barbaridades.

O nível de comparecimento às eleições para conselho tutelar é muito baixo para apoiar aquele homem e aquela mulher que estão lá, onde muitas vezes ninguém se habilita a chegar. Ao lado dessas posições esquizofrênicas, insensíveis e preguiçosas, some-se que os conselhos têm de pular fogueiras todos os dias. À incompreensão das próprias prefeituras – que não raro negam transporte para um agente público que acode uma criança vitimizada na madrugada – some-se os desafios tecnológicos e legais. Para preencher bases de dados e enfrentar os tempos pós-modernos, marcados pela judicialização até do vento, os conselhos tiveram de se profissionalizar. Há prova para poder se candidatar. Ainda que não seja regra, gente descomprometida com a causa da infância, movida por ambições políticas e religiosas, consegue se eleger. Em vez de apagar incêndios, botam é fogo no parquinho.

A queda de braço no interior da instituição – que nunca foi mole – se tornou ainda mais acirrada. “O partido do conselheiro tem de ser a criança e o adolescente”, repetem Jussara e

Márcio. “Criança não precisa de polícia, mas de políticas”, acrescenta Jussara, sobre o legítimo papel dos conselheiros – o de trabalhar pela garantia de direitos.

(6) Dia 6 de outubro é dia de votar no conselho tutelar. O mandato é de quatro anos, passível de reeleição. Serão 50 eleitos em Curitiba. Em nível, o nível de comparecimento às urnas ultrapassa por pouco 20 mil votantes, o que é muito baixo para apoiar aquele homem e aquela mulher que estão lá, onde muitas vezes ninguém se habilita a chegar."



## Texto 2 - "Eram só crianças" - O jornalista diante da dor dos outros

(1) Quem se der ao trabalho de abrir jornais curitibanos das décadas de 1950 e 1960 há de se deparar com três regiões onipresentes no noticiário. Elas atendem pelo nome de Vila Capanema, Vila Parolin e o algo dúbio “Inferninho”. Essas três comunidades encontraram seu destino, nos mais de 65 anos que separam o ano em que estamos do ano de 1953 – quando a Gazeta do Povo registra pela primeira vez sua preocupação com o surgimento das favelas na capital paranaense.

O Capanema virou Jardim Botânico e a zona favelizada se tornou o parque que dá nome ao bairro, hoje cartão postal número 1 da cidade. Gourmetizou, como se diz. O que sobrou do processo de desfavelização foi por tempos chamado de Vila Pinto, até ser rebatizado de Vila das Torres – um enclave de 6,5 mil moradores entre os bairros do Prado Velho, Rebouças, Guabirota e o próprio Botânico.

A Torres compensa as agruras impostas pelo tráfico com uma eletrizante organização comunitária, na qual é modelo exportação. O “Inferninho”, por força da atuação das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, se diluiu no próspero bairro de Santa Quitéria, no qual está inserido. É uma baixada, mais empobrecida, mas a anos-luz da violência que lhe reservou, um dia, tanto destaque no noticiário policial. Na última vez que lá estive, em busca de quem ainda lembrava do apelido do passado, fiquei sabendo que briga, ali, só se for de casal corroído de ciúmes. Quanto à Vila Parolin, não é para amadores.

(2) Existem dois Parolins – o de cima, com belas casas e um paraíso para vendedores de alarmes e cercas elétricas. E o de baixo, às margens do Córrego Guaíra. Cada uma das partes soma 6 mil habitantes, brindados com algumas das principais vias de acesso da cidade – como a movimentada Rua Brigadeiro Franco. Curitiba encontra no Parolin o seu ponto final. Todo mundo passa pelo bairro. O que vê? Não há melhor exemplo de “luta de classes” no cenário urbano. Os reassentamentos, promovidos a partir de 2006, em projetos do governo federal, em parceria com a Cohab, não foram o bastante para diluir as desigualdades. Barracões de carrinheiros convivem com mandatários trajando preto – é de dar medo. Tirou-se moradores da beira do rio, os becos foram abertos e saneados, inibindo o “escurinho” que tanto beneficiava o tráfico, mas feridas não fecham assim tão fácil.

(3) Semana passada, o mais antigo endereço dos deserdados de Curitiba pontificou outra vez o noticiário. Na sexta-feira, 27 de setembro, quatro jovens da comunidade foram abatidos num confronto com a Polícia Militar, no bairro Hauer. Estariam envolvidos no roubo de um carro. Ao contrário da Vila das Torres – rápida e hábil em fazer protestos para acordar a

população –, a Vila Parolin é dada a silêncios, por motivos que causam calafrios em qualquer interessado em sociologia urbana. Mas dessa vez a comunidade saiu no grito. Os moradores fecharam vias, como a Linha Verde, bateram boca na porta do Instituto Médico Legal, posaram para fotos, estampando cartazes nos quais pediam justiça. “Eram só crianças”, dizia um dos manifestos. “Balas perdidas em corpos pretos”, mostrava outro. Eduardo Damas, um dos assassinados, tinha 21 anos. Os demais eram adolescentes: os irmãos Felipe e Gustavo Bueno de Almeida tinham 16 e 14 anos, respectivamente. Elias Leandro Pires Pinto somava 17 anos. Na esteira dos protestos, emerge um velho lamento – por que a sociedade e as autoridades se calam diante da morte de pessoas “com tudo pela frente”. Tristes trópicos, os que desprezam a mocidade.

(4) Não é preciso ser um expert para constatar a naturalização da violência contra jovens, pobres e negros – um combo sinistro. A civilizada Curitiba e seu entorno não foge à sanha nacional. A média de 15 homicídios por semana contempla sobremaneira esses grupos. Por baixo, seriam 40 jovens por mês, quase 500 por ano. Multiplique-se por uma década e se tem o dado digno de uma guerra no Oriente Médio. Parece mentira, mas não é. Como qualquer um, também custei a entender a passividade com que convivemos com o aniquilamento do nosso futuro, a cada gurizão morto. A senha para abrir essa caixa preta veio em 2007, quando uma bala perdida atingiu o menino Elvis Iriguti, 12 anos, pondo em luto a Vila Parolin. Relembro.

(5) Não sem certa ingenuidade, acreditei que esse episódio tiraria os curitibanos da casca. Seria um salvo-conduto. Uma oportunidade para a gente se retratar. Havia ali elementos folhetinescos, um apelo à emoção bruta. Uma vez manifesta a indignação, a morte do garoto poderia ser um marco, ao chamar atenção para a vulnerabilidade de crianças que vivem perto demais de bocas de fumo, traficantes armados até os dentes e de policiais da banda podre. Havia a estranheza de Elvis ser descendente de japoneses – uma etnia pouco associada às áreas de ocupação. E de ter sido morto no Dia das Mães, quando ia a uma farmácia comprar remédio para o pai. Por fim, havia o trocadilho com o nome Elvis, uma associação com o imortal Elvis Presley.

Mas que nada – naqueles dias, os protestos na cidade eram contra a divisão em dois da Pracinha do Batel, um dos espaços afetivos da capital. Lembro da indignação de colegas de ofício, que viram nessa inversão de valores uma prova da lendária “maldade curitibana”. Quase nenhuma mensagem a favor de Elvis do Parolin caiu no e-mail do jornal. (6) Proliferaram flores amargas para defender a pracinha. Casuísmos semelhantes se repetiram em outras ocasiões, estabelecendo uma espécie de “síndrome de frigidaire”. Seria um privilégio nosso? Todo e qualquer jornalista que tenha feito apuração de violência e segurança pública já se sentiu

incomodado com o aparente pouco caso dos leitores e autoridades – das eclesiásticas às eleitas. Essa sensação se acirra quando, por infortúnio, a vítima é alguém da classe média ou alta. Nesses casos, abre-se o Mar Vermelho e o Sésamo de uma vez só, tamanha a grita. O mesmo não aconteceu diante da chacina do Yacaráí – um apêndice da Vila Audi-União, em 2009; quando da morte de duas crianças, em uma semana, na Vila Torres, em novembro de 2014. Ou, ainda, na chacina do Osternack, no Sítio Cercado, também em 2014 e, idem, com morte de dois adolescentes. (7) O sangue dos pequenos convive com bocas caladas. Não se trata de panfletarismo – essas palavras são, dizem por aí, a vida como ela é. A tentação de acusar a população de insensível se mostra instantânea – não fosse essa uma premissa falsa. A todos os que a repetem, costumo recomendar a leitura do pequeno ensaio Diante da dor dos outros, da norte-americana Susan Sontag. Com a morte próxima e anunciada, em decorrência de um câncer, a intelectual se desculpa por ter, em escritos anteriores, acusado as pessoas de não darem a mínima para o sofrimento alheio. Para se reposicionar, recorre a artistas como o espanhol Francisco Goya – que no início do século 19 desceu da sua glória para se ajoelhar diante das mortes provocadas pelas Invasões Napoleônicas. Solidarizar-se é da natureza humana – resta entender o que quer dizer o silêncio.

Como Sontag, prefiro acreditar que, claro, existem os que “não estão nem aí para a Hora do Brasil”, como se dizia. Há quem tenha má fé, ou ignorância galopante, e prefira o conforto das explicações simplistas para justificar a pobreza e a criminalidade – uma esquizofrenia social tão bem explicada pela filósofa Hannah Arendt, cuja obra é de uma atualidade pornográfica. Mas não é regra. Impossível que 100% não deem bola. As pessoas agem movidas pelo princípio aristotélico do ato e potência. Podem impedir que uma praça seja mutilada, mas não se sentem capazes de salvar as crianças do Parolin ou da Vila das Torres, dois endereços abandonados há seis décadas. Num misto de impotência e coerência – afinal, não sabem o que fazer e a própria sociedade não lhes dá pistas –, calam-se. (8) Essa postura de quem parece estar numa camisa de força, ou que tomou doses a mais de Lexotan, se acentua quando não encontra exemplos em quem deveria dá-lo, a exemplo do silêncio imoral que rondou o caso Ágatha Vitória Félix, 8 anos, no Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, há duas semanas. Para bem, o pessoal do Parolin veio à baila esses dias – dizendo como se sente: pobre, negro e na mira. Há dois anos, as mães dos jovens mortos da Vila Torres fizeram o mesmo – estamparam camisetas, fizeram barulho na Assembleia Legislativa, fundaram o “Mulheres Guerreiras”. Dá para unir nossa voz a voz deles. A isso se chama poder.”

### Texto 3 - A leitura tem dessas coisas - jornalismo analítico e multirreferencial

(1) Lembro uma piadinha bem divertida que rolava nas redes sociais, tempos atrás. Dizia mais ou menos assim: os pais conseguem explicar aos filhos o mito ou a narrativa do Paraíso – com todas as dificuldades desse roteiro construído e remendado ao longo de inúmeras tradições de escribas (quem estudou Sagrada Escritura sabe do que se trata). O homem feito do barro, a mulher saída da costela de Adão e tudo o mais. É assunto para mestres e doutos. Mas acham um absurdo ter de traduzir algo bem mais simples – como o amor entre dois homens ou duas mulheres. Pois é.

Ainda que empanturrado pela nova onda de obscuridade – protagonizada pelo prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, na Bienal do Livro, durante o feriado da Independência – , foi impossível não acompanhar os desdobramentos. (2) Uma das últimas notícias diz respeito à psicóloga Marisa Lobo – palestrante profissional – e sua recomendação para que os pais monitorassem o acesso de seus filhos ao canal do youtuber Felipe Neto, que, é bom lembrar, pisou nesse cipoal ao peitar Crivella e comprar 14 mil exemplares dos quadrinhos Vingadores – a cruzada das crianças (Marvel), de Allan Heinberg, ilustrado por Jim Cheung, e distribuí-los de graça. Fez um libelo anticensura, um elogio ao direito de ler.

A obra era o alvo da polêmica. Foi apontada como pornográfica quando – para quem é do ramo, como o jornalista e linguista Sérgio Rodrigues, em defesa brilhante – tem contornos flagrantemente românticos. (3) A propósito, se o problema é com o romantismo, melhor tirar do ar A dona do pedaço, pois dali escorre o mel do mais puro folhetim. E, se o assunto é pornografia, digamos que não tem nada mais pornô do que posar para foto com arminha na cintura. Dá panos para manga. E não deixa de ser excitante que essa discussão volte à baila. Suspeito que, em tal contenda, teremos todos um ponto em comum: o Brasil é um país pornô. Por ora, melhor falar de livros – os proibidos ou não.

O livro e a leitura se perpetuam como um assunto marginal em nossas divisas. Por motivos bem brazucas. (4) Ler, em nossa tradição, figura entre as tarefas a cargo da escola, que escolariza a leitura. Redundante assim. Torna-se uma obrigação passível de prova, do mesmo naipe de uma lista de exercícios de matemática. Culpa do ensino? Não, da sociedade que sobrecarrega o setor de obrigações e nos oferece minguados espaços alternativos para desfrutar do direito à cultura.

Um dos sintomas mais claros da nossa percepção da leitura como “tarefa” e não como “prazer” está na ausência da figura pública do leitor. Basta olhar para dentro de um ônibus ou para uma praça. A porcentagem de pessoas com livros na mão é ínfima. Os Kindles entram

nessa conta. São gatos pingados. Uma espiada nos celulares, para ver se alguém baixou um romance, confirma a regra – ali reside o império do WhatsApp, esse sim um canal de fofocas e maldades, iniciadas já nas primeiras horas da manhã, como bem gosta o capiroto, em quem voltei a acreditar.

Desde sua primeira edição, em 2002, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil indica que o brasileiro “lê em casa”. Nas entrelinhas, entende que está lendo quando abre uma apostila, na mesa da cozinha, para estudar. É uma meia verdade. A leitura literária recebe bolas em outras caçapas. A esse lugar protocolar da leitura no cotidiano dos brasileiros, some-se outro sintoma que por aqui tem agravantes: ler é visto como algo muito perigoso. Para bem da verdade, não se trata de uma característica exclusiva dessas terras. A pesquisadora francesa Michèle Petit, referência na seara, identifica o “medo” da leitura nas mais diversas culturas, inclusive na de seu país, conhecido por ter os melhores índices de leitura per capita do planeta. Vem da França, por exemplo, um dos filmes mais provocativos sobre as relações entre leitura e desejo – Uma leitura bem particular (*La lectrice*, 1991), de Michel Deville, estrelado, permitam, pela deliciosa Miou-Miou.

O termo é polissêmico, entendam como quiserem. Importa é que, na trama, Constance, personagem de Miou-Miou, faz bicos como leitora em domicílio e desperta paixões violentas em seus clientes – eles sentem acordar anjos e demônios diante do encontro da palavra escrita com a voz da linda Constance. De leitores protocolares se veem instados a lidar com a química entre narrativa, sonoridade, interpretação e – eis o ponto – imaginação, a louca da casa. A imaginação provoca pânico, porque profetiza mundos possíveis. Pode-se planejar um novo capítulo da nossa autobiografia depois de ler *Madame Bovary*, de Flaubert, para citar o exemplo mais clássico de “cagaço” da influência literária.

(5) As suspeitas que recaem sobre o ato de imaginar – negando-o como espaço privilegiado do pensamento – costumam ser jogadas nas costas dos livros, filmes e obras de arte plástica. O controle vem a galope. Acontece em qualquer ponto do globo terrestre, como prova Michèle Petit, mas encontra atenuantes no Brasil. Não havia prensas no Brasil até a chegada da família real, em 1808, como se pode ler, com prazer, no soberbo *A longa viagem da biblioteca dos reis*, de Lilia Moritz Schwarcz. Mais: os primeiros livros didáticos, e também as obras literárias, vão sair da Imprensa Régia, o que implica que passavam pelo crivo das autoridades. A turma pegou gosto em pilotar o fiofó alheio, como se sabe. Mais? Uma das acusações que pesaram sobre Tiradentes, nos Autos da Devassa, foi ter sido flagrado no Porto do Rio de Janeiro... comprando livros. Esse delito colaborou na decisão de considerá-lo digno de ser esquartejado. Sempre lembro o efeito de larga duração de episódios como esse quando

tenho de acalmar adultos assustados com as escolhas literárias de seus rebentos. Espero ser recompensado nos céus.

A questão é que, mesmo com toda sorte de controle que se tente exercer sobre a leitura, o efeito da proibição é o de um tiro na água. Palestrantes alarmados estão gerando estresse à toa. Pode funcionar com uma parcela da população – ou por algum tempo –, mas, tal como a libido, o desejo de ler (ou de assistir, representar e o que mais couber no verbo “ler”) vai se manifestar, cedo ou tarde, bagunçando a parada. Prova disso são as nossas próprias biografias de leitores. Nos aproximados 25 anos em que recolho pequenas histórias de pessoas comuns com as letras, uma constante sempre aparece: em algum momento ocorreu a leitura furtiva, escondida, a portas fechadas, com a lanterna embaixo dos cobertores. Danem-se os índices. E essa atitude libertadora, lembre-se, nem sempre se refere a uma obra erótica, ainda que seja eivado de erotismo, de estética e de ética o direito de escolher. Em tempo, caso o amado leitor esteja distraído, onde se lê “erotismo” não está escrito “pornografia”.

Pena serem ainda iniciais mais estudos sobre a revolução da leitura fora da escola. Ou em desobediência à escola e tudo mais. Recomendo Páginas do prazer – a sexualidade através da leitura no início do século, do historiador Cláudio DeNípoti. A partir dos registros da biblioteca do Ginásio Paranaense – hoje Colégio Estadual do Paraná –, entre 1911 e 1918, mostra-se como os meninos buscavam amparo nos livros de... Biologia. É autoexplicativo. A propósito, é demais uma cena do filme A suprema felicidade, de Arnaldo Jabor, na qual um grupo de piás rouba um catálogo médico sobre deformidades físicas e se delicia com o que vê. Era o que tinham pra hoje.

Há muito impresso sobre nós na história dos livros que lemos coletivamente, ou que marcaram gerações. Exemplos? Na ressaca pós-regime militar, um livro sofisticado como Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu, fez a cabeça dos jovens brasileiros. O mesmo vale para Feliz ano velho, de Marcelo Rubens Paiva – eternamente em catálogo. Umberto Eco dizia não acreditar que todos os compradores de O nome da rosa o leram de fato. Resta saber o que levou tantos milhões de consumidores a adquirir uma obra para iniciados em medievalismo. Por aí vai.

Dias atrás, participei de uma oficina com a pesquisadora carioca Eliane Hatherly Paz. Ela faz uma meticulosa pesquisa sobre a lista dos livros mais vendidos da revista Veja, a partir de 1968. (6) Em meio a um sem-número de tabelas e dados cruzados emergem, claro, os efeitos da censura sobre as editoras, e a conseqüente escolha dos leitores por obras escapistas. Os best-sellers norte-americanos comandavam a festa. O mercado brasileiro se internacionaliza. Mas também emerge a negação da patrulha. As listas atestam desobediência e topete cívico. Tenho

certeza de que daqui a 30 anos vamos entender o estranho fenômeno da série “foda-se” – um franco elogio à preguiça interpretativa – tanto quanto a recusa protagonizada por outro fenômeno, um youtuber que ligou o botão do... O mundo da leitura tem dessas coisas.

